



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

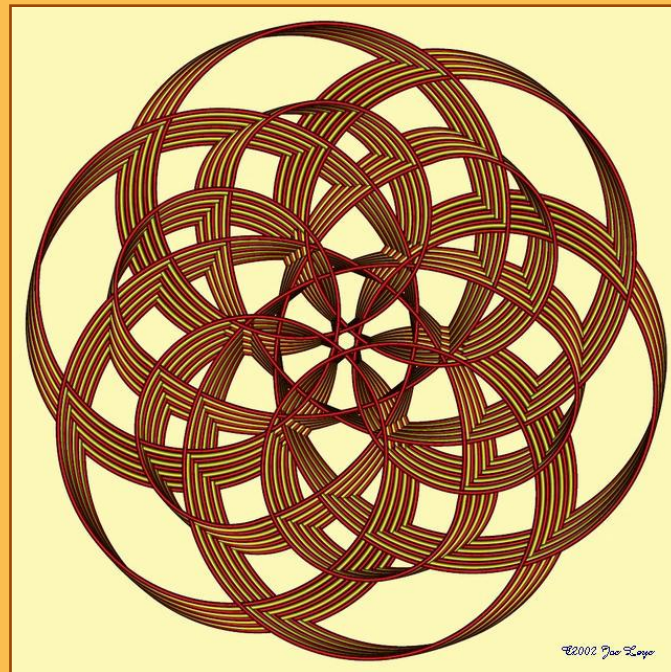
Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br>

www.artezen.org



ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL IBEROAMERICANA

2023
Salvador – Bahia – Brasil



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos.

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação

que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados. Enviar para: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólon - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia).

Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>



CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo

Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas

Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi

Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em

Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira

Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumoriais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos

Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto

Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em

Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo

Psicólogo transpessoal e doutor em psicologia pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicologia Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar*. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros:

Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas; Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; Transtornos Mentais sob um Novo Prisma. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira

Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha

Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora

de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas

Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças, no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi

docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González

Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa

Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências,

deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados para o e-mail: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO



Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro

**CINDEP – Centro Integrado de
 Desenvolvimento Pessoal**

Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 –
 Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil

CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro

ASBART 0036/0906 / ALUBRAT 201740

Telefone: 71 - 98874-1155

cel5zen@gmail.com

www.artezen.org

ou gildemar@ufba.br

ENTIDAD EDITORIAL



ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL IBEROAMERICANA

C/ Andrés Mellado, 65.

28015 Madrid, Spain

www.ati-transpersonal.org

ATI - Asociación Transpersonal Iberoamericana es una organización internacional, sin afiliación política, laica, y sin ánimo de lucro, que busca representar a la comunidad transpersonal de los países constituyentes de Latinoamérica y la Península Ibérica, dedicada a promover, de forma teórica y práctica, la visión transpersonal en los ámbitos académicos, de investigación, educación, salud, desarrollo personal, social y ambiental.

Pretende fomentar el conocimiento y aplicación de la psicología transpersonal (origen de la disciplina) en diferentes ámbitos del saber como son: la psicología, la filosofía, la epistemología, la medicina, la antropología, la espiritualidad, el arte, la física, la política, la farmacología, la educación, la ecología y la economía.

La Asociación Transpersonal Iberoamericana (ATI) fue inscrita en el Registro Nacional de Asociaciones del Ministerio del Interior (España) el 25 de marzo de 2015.

<https://www.ati-transpersonal.org/es/m-revista-es/m-magazine-es.html>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 21 - Ano 11 - Nº 21 – 1º semestre/2023
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|--|-------|
| 1 – A ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL NO ENSINO DO DIREITO
Cláudia Souza Aragão | p. 10 |
| 2 – À GUIA DE SALMO
Wilson Pereira de Jesus | p. 24 |
| 3 – NUM FILTRO DE BARRO – APRESENTAÇÃO
Gildemar Carneiro dos Santos | p. 25 |
| 4 – OS INCRÍVEIS EFEITOS DA POESIA EM TEU CÉREBRO
LOS INCREÍBLES EFECTOS DE LA POESÍA EN TU CEREBRO
Jennifer Delgado Suárez | p. 26 |
| 5 – ATIVIDADES DO APP ANTISTRESS APLICADAS NAS SESSÕES
ARTETERAPÊUTICAS
Miriam Aparecida da Rocha Joaquim e Sonia Maria Bufarah Tommasi | p. 30 |
| 6 – CONVERSO COM O VENTO!
Rose Kareemi Ponce | p. 38 |
| 7 – METODOLOGIA DE TRANSDISCIPLINARIDADE DE FORMA HOLÍSTICA
NA EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO DE CONHECIMENTO E NÃO ACÚMULO DE
INFORMAÇÕES COM IDEIAS MECANICISTA E CIENTIFICISTA
José Ricardo Corrêa da Silva | p. 39 |
| 8 – MEU PAI
Paulo Nussenzeig | p. 48 |
| 9 – CANÇÃO DO TAMOIO (Natalícia)
Antônio Gonçalves Dias | p. 51 |

Recebemos o convite feito por Román Gonzalvo, editor do *Journal of Transpersonal Research* e colaborador desta Revista, para que a Revista Transdisciplinar integre a Entidad Editorial da **ATI - Asociación Transpersonal Iberoamericana** (www.ati-transpersonal.org) que passará a divulgá-la. Sentimo-nos muito honrados com isto e parabenizamos a todos os que colaboram com ela: articulistas, Conselho Editorial, amigos e companheiros de ideal. Agradecemos pelo alto nível do material que nos enviam para publicação, o que motivou este convite.

Capa: Jos Leys - Spirals! Page 4 The last of the spirals...

Disponível em: https://www.josleys.com/show_image.php?galid=247&imageid=7542
www.josleys.com



1 – A ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL NO ENSINO DO DIREITO

Cláudia Souza Aragão*

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que tem como escopo demonstrar de que forma a psicologia Transpessoal pode ser um recurso valioso para o professor da área jurídica no campo da docência universitária. O objetivo geral da pesquisa, portanto, consiste em investigar como a Abordagem Integrativa Transpessoal pode resultar num trabalho mais eficiente por parte do docente da educação superior, notadamente em cursos tradicionais como os jurídicos, levando a um aprendizado efetivo do estudante e à satisfação pelo docente de terem sido alcançados os objetivos propostos em sala de aula. Dessa forma, buscou-se inicialmente apresentar os conceitos de autoconhecimento e formação docente, evidenciando como o primeiro conceito esteve presente ao longo do desenvolvimento da humanidade nos campos da filosofia, religiões e de diversas escolas psicológicas. Em seguida, discorreu-se sobre a trajetória do ensino superior jurídico no Brasil, dando um maior destaque à formação dos docentes nesta área. Num terceiro momento, apresentou-se a Abordagem Integrativa Transpessoal sendo explicitado como esta através de suas diversas práticas pode auxiliar de maneira mais eficiente o docente em seu trabalho em sala de aula. Nesta pesquisa, objetivou-se adotar a visão trazida pela psicologia transpessoal mais conhecida como quarta força da psicologia. Do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa, através da revisão de literatura.

Palavras chaves: Abordagem integrativa transpessoal, Formação, Direito.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva responder ao seguinte problema de pesquisa: Em que medida a abordagem integrativa transpessoal pode auxiliar o docente da área jurídica a se tornar um melhor profissional, exercendo de forma mais eficiente a sua atividade?

O autoconhecimento tem uma importância significativa em nosso percurso existencial. Ao longo da história da

humanidade, percebemos que sua importância foi realçada dentro dos mais diversos campos, tais como o filosófico (tendo Sócrates como a sua figura mais proeminente), o religioso (hinduísmo, judaísmo, budismo, cristianismo) e o científico, a partir do século XIX por intermédio das mais diversas escolas psicológicas, fundamentadas nas teorias de Freud, Jung, Rogers, Maslow, Frankl, Ken Wilber, etc.

* **Cláudia Souza Aragão** – Procuradora do Estado; Especialista em Docência Universitária pela UCSAL- Universidade Católica do Salvador; Pós-Graduada em Direito, Governança e Políticas Públicas pela UNIFACS - Universidade Salvador; Especialista em Corrupção pela Universidade de Salamanca, Espanha; Mestranda em Direito pela PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Pós-Graduada em Psicologia Transpessoal pela ALUBRAT – Associação Luso Brasileira de Transpessoal. cauaragao@gmail.com

No senso comum, entende-se por autoconhecimento o conhecimento do indivíduo acerca de si mesmo. Trata-se, pois, do meio de o indivíduo perceber (identificar) suas habilidades e competências, num processo intrapessoal.

Embora se autoconhecer seja extremamente benéfico, é um trabalho muitas vezes árduo, doloroso e que requer muita paciência e perseverança, tendo em vista que demanda de nós uma postura de abertura e humildade para encararmos nossas sombras, romper paradigmas, desconstruir autoconceitos, rever hábitos e condutas. O autoconhecimento pode levar ao reconhecimento de nossas limitações diante de determinadas circunstâncias da vida.

Embora tenhamos alcançado um desenvolvimento extraordinário do ponto de vista tecnológico ainda somos incipientes em matéria de conhecimento do nosso universo interior.

Goleman (1995) afirma que Inteligência Emocional é a capacidade que possui um indivíduo de identificar seus próprios sentimentos e os dos outros, para se motivar e gerir bem as emoções internas e os relacionamentos. Na cultura ocidental, cujo materialismo constitui uma de suas marcas, práticas salutares e conhecidas há milênios no Oriente, como a meditação, ainda são um terreno desconhecido por boa parte dos indivíduos. A sociedade do conhecimento valoriza muito mais o saber, o conhecimento, do que o sentir ou o processo de autoconhecimento. Isso, evidentemente, não é por acaso. O campo educacional também foi influenciado pela concepção newtoniano-cartesiana de pensar e ver o mundo, que propiciou a fragmentação do conhecimento, privilegiando a razão, a separação entre sujeito e objeto, o distanciamento entre mente e corpo.

Saldanha (2008), ao fazer o questionamento sobre quem de fato é o ser humano, afirma que, ao contemplarmos nosso momento atual, percebemos que este desconhecimento é ainda muito presente. O fato é que a maioria de nós não faz a menor ideia de quem realmente somos. O educador que se conhece, além de ter um melhor domínio de suas emoções, tratará muito melhor seus alunos, desenvolvendo um trabalho com muito mais competência, satisfação e eficiência. Terá uma melhor relação com seus educandos e

será muito resiliente diante das dificuldades a serem enfrentadas. É de fundamental importância que o educador entenda suas limitações e potencialidades, trabalhando em prol do seu autoaprimoramento. O autoconhecimento poderá propiciar uma educação de melhor qualidade, levando a um aprendizado efetivo do estudante e ao contentamento do docente por alcançar os objetivos propostos em sala de aula e fora desta. É necessário, também, ressaltar que, da mesma forma que o autoconhecimento é importante para o educador, também o é para o educando, devendo o docente buscar estimular o aprendente a perceber suas potencialidades, reconhecer suas limitações e trabalhar para superar suas dificuldades.

Em pleno século XXI, o autocuidado e o autoconhecimento devem ser uma preocupação constante por parte de qualquer indivíduo, contudo, tratando-se de educação, tal atenção deve ser redobrada por parte do docente. Uma vez que o docente deve zelar pelos seus discentes, é necessário que façamos o seguinte questionamento: Quem cuida do educador?

Paulo Freire, com sua característica lucidez ao nos propor uma educação dialógica, se posiciona de forma reflexiva no seguinte sentido:

Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? (FREIRE, 2016, p.65).

O renomado educador nos chama atenção para a necessidade de pensar o docente como um profissional crítico-reflexivo, autoconsciente de seu essencial papel na sociedade e, ainda, para a necessidade imperiosa de desenvolver, em si mesmo, características e virtudes que lhe permitam uma convivência mais plena com

o educando. Para isso, é necessário que primeiramente ele comece a perceber aquilo que lhe falta ou precisa ser aprimorado.

Assevera Delors (2012), que a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.** Este último é, talvez, o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Podemos, por conseguinte, questionar em que medida o professor do ensino superior pode promover, de forma eficiente, o desenvolvimento dessas quatro aprendizagens fundamentais no contato com o estudante, se ele é incapaz de identificar suas próprias limitações e potencialidades?

Como profissional do direito há mais de vinte anos (profissão que abracei por vocação) e amante das ciências humanas, ainda como estudante já me inquietava a notória formação insuficiente de boa parte dos docentes do curso de graduação em Direito em plena década de 1990 do século passado no que tange aos conhecimentos pedagógicos (praticamente inexistentes) e, de modo especial, a falta de habilidade no campo das relações interpessoais, situação que, em pleno século XXI, lamentavelmente ainda persiste, principalmente quando falamos do trato com outro ser humano. Essa visão fragmentada do ser humano tem trazido consequências danosas para o indivíduo.

Vera Saldanha (2008), chamando-nos a atenção para a necessidade imperiosa do culto a uma visão integral do ser humano, ressalta que, quando estamos nesta etapa de fragmentação interna, somos conduzidos pela massa coletiva, sem discernimento, não pensamos por nós próprios.

Para que acessemos um nível do conhecimento mais diferenciado e comecemos a sair deste estado de adormecimento ou “robotização”, precisamos nos conhecer mais e conhecer ao outro.

No artigo em questão, são trabalhados inicialmente os conceitos de autoconhecimento e formação docente. Num segundo momento, são tecidas algumas considerações sobre a formação do docente dos cursos de direito no Brasil, discorrendo-se

sobre a trajetória da educação superior jurídica no Brasil desde os seus primórdios até os dias atuais e as diversas dificuldades enfrentadas pelos docentes que atuam na área. Num terceiro momento, é apresentada a Abordagem Integrativa Transpessoal e suas características. Para tanto no que concerne a este último tópico adotou-se o conceito de autoconhecimento trazido especificamente pela psicologia transpessoal, não só por uma identificação pessoal com essa abordagem, mas por entender que esta é mais condizente com o perfil do docente da área jurídica que se almeja no século XXI, o qual, entre outras coisas, deve ser um indivíduo com habilidades no campo das relações interpessoais e preocupado com o seu crescimento como ser humano.

No que concerne às abordagens do processo de ensino, Misukami (2011) as categoriza em tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural, trazendo em cada concepção as características gerais da abordagem, a concepção adotada de homem, de mundo e de sociedade, de como se constrói o conhecimento, de como é entendida a educação, a escola, de como se dá o ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, a metodologia utilizada, a avaliação e suas considerações sobre cada concepção, além de uma reflexão sobre as abordagens do processo ensino-aprendizagem e o professor.

No trabalho em questão, são utilizadas as abordagens humanista sobre o processo de ensino e a sociocultural. A primeira traz a ideia-chave de que pensamentos, sentimentos e ações estão integrados, e o aprendente é visto como uma pessoa, e o que importa é o seu crescimento pessoal, sua autorrealização, e a aprendizagem é penetrante e influi nas escolhas e atitudes do aprendiz. Na abordagem sociocultural (interacionista), a ideia de dialogicidade é uma das suas características mais marcantes. Para participar ativamente da história, o homem precisa tomar consciência da realidade que lhe está em volta e da capacidade que possui de transformá-la.

Como fundamentação teórica, são trazidas contribuições de estudiosos e pesquisadores renomados no âmbito da Psicologia Transpessoal, Educação e Educação Jurídica tais como: Wilber (2001); Gil (2002); Moraes (2004); Saldanha (2008); Cunha (2010); Mizukami

(2011); Morin (2011); D'Ávila (2013 a/b); Freire (2016); Boaventura e Almeida (2017); Rodrigues (2019 a/b).

Neste artigo, é realizada uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Assegura Severino (2015) que são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente às especificidades metodológicas.

Conforme salienta Gil (2002), pesquisa bibliográfica é a desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

2 O AUTOCONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DO DOCENTE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O autoconhecimento não constitui nenhuma novidade na história. Desde os *Vedas* na antiga Índia (4000 a.C.), tal prática já era exercida. O livro *Bhagavad Gita*, de origem hindu, espelha muito bem essa realidade, ao tratar da luta entre Arjuna e Krishna que, na verdade, simboliza a guerra interna travada entre nossas imperfeições e nosso lado luminoso. Tanto o *Bhagavad Gita* como o *Tao Te King* (China) são obras do Oriente que retratam o esforço do ser humano para a superação de suas imperfeições.

No Ocidente, o filósofo Sócrates, conforme ressalta Isabel Freire (2007), asseverava que somente um único tipo de conhecimento podia ser obtido: o do próprio eu. Tal conhecimento seria o único necessário, uma vez que permitiria ao homem levar uma vida virtuosa. Para o aludido filósofo, a sabedoria consiste em ter consciência de sua própria ignorância. O “conhece-te a ti mesmo”, tão prolapado ao longo da história, é o seu princípio e também um método filosófico.

Ao se analisar a trajetória evolutiva do ser humano, percebe-se que ao longo de sua história, tanto no campo da filosofia como no das religiões e da própria ciência, este convite à necessidade do autoconhecimento sempre esteve presente. Longe de ser um modismo, o autoconhecimento é um processo dotado de seriedade que leva o indivíduo a entrar em contato tanto com os aspectos negativos de sua personalidade quanto com a percepção

das suas potencialidades, levando assim ao autoaprimoramento do ser.

Salienta Moraes (2004), ao tratar a respeito do paradigma educacional emergente, que a transformação do mundo ao nosso redor só poderá ocorrer com base na transformação do indivíduo, no conhecimento de suas potencialidades, na compreensão que possa ter de sua capacidade de atuação no mundo.

Sendo um instrumento de grande valia para o ser humano, quando falamos a respeito de educação e principalmente de formação docente, esse processo ganha mais ainda expressividade. Lamentavelmente, principalmente em nossa cultura ocidental, ainda não se percebeu com clareza o enorme significado que o autoconhecimento tem em nossas vidas, sendo algo irrelevante para muitos. Quando se está referindo especificamente à formação do docente, seja este profissional da educação básica ou superior, esse termo ganha uma dimensão muito maior.

Ao refletir sobre a educação nos tempos atuais, Espírito Santo (2008, p.155) tece as seguintes considerações:

Seja pelo número excessivo de alunos em sala de aula, seja pelo despreparo da maioria dos docentes, o fato é que o ato de educar fica ausente, no habitual “despejo” de conteúdos, presente na maioria das vezes em nosso processo de ensino-aprendizagem. Assim, o primeiro nível de consciência a ser desenvolvido no educador diz respeito à percepção de que educar vem do latim *educere*, que significa “tirar de dentro” e não simplesmente “trazer de fora”. Para que se consiga “extrair” algo de “dentro” de um aluno, que será a raiz da sacralidade, faz-se mister que se conheça esse aluno. Isso parece fácil, porém quando constatamos que a maioria dos docentes sequer se conhece, constatamos a imensa dificuldade desse ato de conhecer.

No que se refere à questão do processo formativo do docente do ensino superior, verifica-se que há diversas obras que tratam do tema em que são abordadas questões envolvendo tanto as condições de trabalho como a especificidade da formação deste profissional, a necessidade de possuir

conhecimentos didáticos e pedagógicos sólidos, a necessidade de uma formação continuada, entre outras.

Antes de se discutir em torno do processo formativo do docente do ensino superior em nosso país, principalmente o dos cursos jurídicos, é essencial entender o que significa o termo “formação” nesse contexto.

Não existe consenso doutrinário no que tange ao significado do termo “formação”, sendo esta, por conseguinte, caracterizada como um fenômeno complexo.

Conforme afirma Cunha (2010), em sentido amplo, o termo formação não deve ser confundido com outros conceitos como os de educação, ensino, treinamento, uma vez que envolve necessariamente, uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global.

É de fundamental importância, quando se aborda a questão dos princípios e processos formativos, que seja levado em conta o cenário de atuação do docente (do ensino fundamental, médio ou superior), justamente por força das especificidades e singularidades, como já referido a respeito dos diversos campos de seu exercício profissional.

D’Ávila (2013 b), ao abordar a respeito da profissionalidade do docente da educação superior, nos adverte de que, conhecido também como pedagogia universitária, docência universitária, docência no ensino superior, este campo de investigação científica tem desvelado várias problemáticas, sobretudo aquelas que se referem às lacunas pedagógicas, de ordem filosófica, didático-pedagógica e também psicopedagógica, que assomam à prática de ensino universitária.

Ao tratar da educação superior no Brasil, Cunha (2010, p.30) faz as seguintes considerações:

Na maioria das instituições brasileiras de ensino superior, incluindo as universidades, embora seus professores, ou parte deles, tenham realizado sua formação em cursos de pós-graduação e possuam experiência profissional significativa e até mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, predomina o desconhecimento científico e até o despreparo para lidar com o processo de ensino-aprendizagem pelo qual passam a

ser responsáveis a partir do instante em que ingressam em sala de aula.

Se questões elementares como a necessidade de uma sólida formação pedagógica pelo docente ainda não foram observadas, o que se dirá do autoconhecer-se? Esta questão ainda se agrava quando estamos tratando de docentes de cursos tradicionais no país, como os de direito, os quais ainda possuem grande resistência a mudanças e inovações.

Felizmente, ainda que a passos lentos, verifica-se um processo de mudança de paradigmas no ensino no País, envolvendo as suas mais diversas esferas (searas) nas quais se começa a valorizar o autoconhecimento como instrumento de grande valia tanto para o trabalho do discente como do docente.

Algumas escolas particulares, como a Escola Ananda, localizada no bairro de Itapuã na Cidade do Salvador no Estado da Bahia, incluem em seu projeto pedagógico, por iniciativa própria, a elaboração de disciplinas que possibilitam, ao estudante da educação infantil ao ensino médio, a argumentação e a prática acerca da meditação, do autoconhecimento e da consciência humana, tendo hoje um portfólio que registra a profunda contribuição na formação docente e de seus estudantes, a partir dos conteúdos dessas disciplinas. O projeto da referida escola, intitulado “Conectar”, existe desde o ano de 1996 e teve como escopo incorporar, na aludida instituição, exercícios de concentração, meditação, reflexão, vibração, percepção, contemplação e exaltação, objetivando, no dizer de Cruz (2015), a conexão do ser humano com o seu centro, a sua essência, facultando o despertar da consciência. O interessante é que tanto os educandos quanto os educadores participam de tais práticas. Os resultados têm sido positivos, notadamente na redução da ansiedade e no aumento da concentração dos educandos durante as aulas.

3 A FORMAÇÃO DO DOCENTE DOS CURSOS DE DIREITO DO BRASIL

Tradicionalmente, os cursos de Direito no Brasil, ao longo de sua história, sempre foram marcados por um modelo de ensino em que se privilegiou a aula expositiva, sendo o professor o protagonista do

processo de ensino-aprendizagem, não havendo muito espaço para inovações e criatividade, desvinculando-se a teoria da prática.

A reprodução desse modelo pedagógico tradicional e conservador, marcado pela predominância das citadas aulas alicerçadas no método expositivo e transmissivo de informações, perpetuou-se durante muito tempo, ainda estando presente em muitas ocasiões. Com isso, não se quer afirmar que a aula expositiva não tenha valor, mas que esta não pode ser a única alternativa do docente no exercício do seu mister.

Afirma Masetto (2013) que, tradicionalmente, a docência universitária em nosso país coloca sua ênfase no processo de ensino em que o professor figura como agente principal do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo uma metodologia centrada na transmissão de conhecimentos.

Consoante foi relatado na Introdução deste trabalho, o foco da presente pesquisa refere-se à questão do processo formativo dos docentes da área jurídica e das contribuições que um processo de autoconhecimento, feito de forma séria e consistente, pode trazer para o aperfeiçoamento deste profissional, o que se refletirá, conseqüentemente, na melhoria da qualidade do ensino e, principalmente, no alcance do objetivo principal, que é a aprendizagem do discente. Para tanto, é necessário que identifiquemos, inicialmente, quem é este profissional da educação superior que atua nos cursos de direito, quais são suas dificuldades e desafios neste século XXI e o que se espera dele.

Para que reflexionemos sobre a formação do docente dos cursos de direito no Brasil e entendamos por que chegamos à realidade atual, em que ainda se vislumbra uma grande precariedade formativa tanto dos docentes como dos discentes, é de fundamental importância que não olvidemos como as transformações ocorridas nos campos político, econômico, social e filosófico dentro de um país podem influenciar, positiva e negativamente, o campo educacional.

Assinalam Boaventura e Almeida (2017), ao abordar a necessidade de ressignificação do atual ensino jurídico brasileiro que frequentemente se critica o ensino jurídico na contemporaneidade, tendo em vista que

este repete o modelo moderno de ensino, mostrando que ele não mais se alinha com os contornos da pós-modernidade.

O sociólogo polonês Bauman (2013) opta pela utilização da expressão “modernidade líquida” (em contraposição à modernidade sólida) para caracterizar os tempos atuais (a contemporaneidade), ao invés da expressão pós-modernidade. Dessa forma, para o aludido autor, vivemos num tempo de superficialidades, de relativismos, de incertezas, e isto vai se refletir, evidentemente, no campo da educação. Dentro desse contexto da modernidade líquida em que as incertezas, o caos, a desordem e a fragilidade das relações humanas são características marcantes, a educação é vista como um produto a ser consumido.

Assinala Morin (2011) que os conhecimentos devem fugir da lógica fragmentada e fragmentadora da simplificação para alcançar a complexidade. Chama-nos a atenção para a imperiosa necessidade de integração dos conhecimentos, os quais dialogam entre si, passando a ciência a ser vista como um sistema aberto e não fechado.

Pode-se então questionar: Até que ponto o docente dos cursos de Direito no País está preparado para enfrentar a realidade que o cerca? Que recursos internos ele pode utilizar ou desenvolver em seu benefício para enfrentar as dificuldades e desafios decorrentes deste momento histórico em que estamos inseridos? Como não adoecer, física e psicologicamente, diante do momento de incertezas em que estamos vivendo?

Essas questões só podem ser respondidas se nos despiremos de determinados preconceitos e nos propusermos a refletir profundamente a respeito de nossa própria prática docente.

3.1 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE E A TRAJETÓRIA DOS CURSOS JURÍDICOS NO BRASIL

A criação das universidades no Brasil ocorreu de forma relativamente recente, no século XIX.

Isso decorreu da resistência, por parte de Portugal, em instituir o ensino superior em sua Colônia, por não ver qualquer justificativa para esta criação. Para Fávero (2006), era considerado mais adequado que as elites

fizessem sua formação superior na Europa. Apenas em 1808, quando a família real se instalou no Brasil, fugindo das guerras napoleônicas, teve início a criação dos primeiros cursos superiores. O processo de estruturação foi marcado pela forte vinculação ao governo central, com foco na formação e reprodução da elite, e ocorreu inicialmente a partir de faculdades e escolas isoladas. Conforme relata Nunes (2007), apenas a partir da década de 30 do século passado, iniciou-se o desenvolvimento do ensino universitário. O ensino superior e as universidades não foram criadas, portanto, visando ao atendimento de um direito fundamental social (educação), mas para atender a uma pequena elite, que representava uma minoria da população brasileira.

Segundo Boaventura e Almeida (2017), foi ainda na Faculdade de Direito de Coimbra que surgiram os primeiros movimentos para a criação do Ensino Jurídico no Brasil, haja vista ter sido este o *locus* para a formação jurídica dos brasileiros até o início do século XIX, o que perdurou até a sanção da Carta de Lei de 11 de agosto de 1827.

Tal diploma normativo criou os cursos de Direito em Olinda (o qual se mudou posteriormente para Recife) e São Paulo (no Largo do São Francisco), que possuíam linhas filosóficas distintas em suas finalidades. A escola de São Paulo possuía um caráter mais legalista, e a de Recife primava pela restauração da filosofia. Somente em 1891, já em pleno período republicano, foi permitida a criação de novos cursos de Direito no País, sendo o primeiro deles na Bahia.

Nesta primeira fase do ensino jurídico no Brasil, o foco dos dois únicos cursos existentes consistia na formação de profissionais (bacharéis) para o exercício de funções públicas, que tivessem um pensamento humanista e adquirissem preparo para o exercício da práxis forense.

No início do século XX, com o advento do Decreto nº 3903, de 12 de janeiro de 1901, as mulheres passaram também a poder ingressar nos cursos jurídicos. É importante ressaltar que, ainda na década de 30, foi criada a Ordem dos Advogados do Brasil e, somente a partir deste momento, passou a ser exigida formação universitária para o exercício da profissão de advogado.

No período subsequente à revolução de 1930 até o advento do governo João Goulart, houve uma importante reforma educacional (reforma Francisco Campos), tendo a matriz curricular dos cursos de Direito sido modificada em face das novas concepções políticas existentes (Decretos 19.851/31 e 19.852/31). Tal matriz curricular era marcada pelo conservadorismo e inflexibilidade, acabando por não acompanhar as transformações sociais existentes na época.

A partir da Resolução nº 3 de 1972, do Conselho Federal de Educação, passou a ser estruturado um novo currículo mínimo para os cursos de Direito. Um fato curioso a assinalar é que, apenas no ano de 1994 (167 anos depois da criação dos cursos jurídicos), através da Portaria nº 1.886, passou-se a permitir, pela primeira vez na história da educação jurídica brasileira, a flexibilização da matriz curricular dos cursos de Direito, visando adaptá-la às novas necessidades do mercado de trabalho.

Outro marco importante no ensino jurídico brasileiro foi o advento da Resolução CNE/CES nº 9, de 24 de setembro de 2004, que possibilitou um aumento vertiginoso dos números de cursos jurídicos no País, contudo, com a edição da Portaria nº 20/2014 do Ministério da Educação, foram implementadas medidas mais rígidas para criação de novos cursos jurídicos no Brasil. Mesmo com a adoção dessas medidas mais rígidas, observa-se que em nenhum momento houve uma efetiva preocupação governamental com a melhoria da qualidade de ensino nos referidos cursos. Recentemente, em 2018, foi editada a Resolução CNE/CES nº 05, que fixou novos parâmetros regulatórios para os cursos jurídicos no Brasil, a qual será objeto de uma análise específica mais adiante.

No que concerne aos modelos de cursos jurídicos no mundo, estes são basicamente em número de três: cultural (humanístico); profissionalizante (técnico-informativo) e o modelo misto normativo (formação integral). O Brasil adota este último, o qual consiste na junção de características presentes nos dois primeiros.

Ressalta Rodrigues (2019 a) que a defasagem dos currículos dos cursos de Direito sempre foi utilizada como justificativa para as deficiências do ensino jurídico no Brasil. No seu ponto de vista, entretanto, a

estratégia tradicional de se tentar melhorar a qualidade dos cursos jurídicos via inclusão de novos conteúdos curriculares parece insuficiente. Ressalta o autor que talvez seja necessário “refundar” a educação jurídica.

Dentro dessa mesma linha de pensamento, chama a atenção Boaventura e Almeida (2017) para a necessidade de “reoxigenação” do sistema ensino jurídico, que não mais comporta esta tradicional lógica de ensino-aprendizagem (modelo moderno) em que não há espaço para a criatividade, a inovação, o diálogo.

Esse conceito de reoxigenação, por conseguinte, passaria também pela busca de novas formas de ensino que objetivem uma aprendizagem integrada.

É inegável, desse modo, que todo esse histórico se refletiu no modelo de cursos de Direito no Brasil, marcado pela divisão do conhecimento, racionalismo e sectarismo das disciplinas nas quais o lado humano foi praticamente esquecido. Talvez este seja, justamente, o maior desafio do docente dos cursos de Direito do século XXI: o resgate da sua humanidade.

4 A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER INTEGRAL

Esclarece Figueiredo e Santi (2011) que, só a partir da metade do século XIX, surgiram seres humanos que pretendiam reservar aos estudos psicológicos um território próprio, cujo êxito se fez notar pelos discípulos e espaços conquistados nas instituições de ensino universitário e pesquisa.

Isto se deve ao fato de que o momento histórico em que a humanidade atravessava foi propício a que a psicologia como ciência emergisse. Até então, esta não havia exercido o papel de uma ciência autônoma uma vez que estava ligada à filosofia.

Atualmente, existem diversas escolas, correntes, abordagens psicológicas (behaviorismo; junguiana; humanista, transpessoal), muitas delas divergindo completamente entre si, as quais oferecem sua contribuição ao desenvolvimento do ser humano.

O paradigma newtoniano-cartesiano, com sua visão reducionista do que seja o ser humano, bem como da sociedade e da realidade, influenciou bastante o pensamento ocidental, contribuindo para

uma visão fragmentada não só do conhecimento, mas também do indivíduo. A educação, evidentemente, sentiu os reflexos dessa forma de se perceber o mundo.

Espírito Santo (2008, p.27), ao nos fazer refletir sobre esta relevante questão, assim se posiciona:

Essa hipertrofia do racionalismo, em detrimento de uma visão mais ampla do ser humano, vai também ser questionada pela visão trazida pela física contemporânea, no sentido de que vivemos num universo em permanente transformação, o que contraria a ideia de um “universo geometricamente acabado” ou racionalmente “explicado”. Ao contrário os físicos hoje trazem a abertura para o que se denomina “ciência do mistério”, como referido.

Questionando sobre qual seria o referencial teórico capaz de nortear a busca de um novo paradigma para a educação, salienta Moraes (2004, p.167):

[...] o paradigma educacional emergente focaliza o indivíduo como um *hólon*, um todo constituído de corpo, mente, sentimento e espírito. Ao mesmo tempo, sujeito da história em sua dimensão social, dotado de múltiplas inteligências, um ser inconcluso e em crescimento constante, que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se em direção à maturidade não apenas no crescimento físico, mas sobretudo num crescimento interior qualitativo e multidimensional, uma vez que todos os aspectos que o compõem se influenciam mutuamente. Focaliza um indivíduo que precisa sobreviver num mundo em conflito, num contexto em contínua modificação de parâmetros e referências, um sujeito em busca de condições externas de sobrevivência, que se esquece de suas condições internas e do fato de que aquilo que o distingue, na realidade, é sua capacidade de consciência e de reflexão.

Esse aspecto de inacabamento e inconclusão, como referido pela autora, demonstra que sempre estamos nos reinventando e que o crescimento do ser

não tem limites.

A partir das ideias da psicologia humanista, surgiu, na década de 60, a psicologia transpessoal conhecida como a quarta força da psicologia, devendo-se a Maslow o mérito de sua sistematização.

Conforme aduz Saldanha (2008), a sistematização denominada Abordagem Integrativa Transpessoal pode ajudar o profissional a aplicar, de uma forma coerente, a teoria da psicologia transpessoal em sua prática. Ele pode, assim, utilizar seus recursos técnicos na área clínica, educacional e nas instituições, trazer um imenso contributo ao profissional, ao próprio paciente e ao educando, propiciando segurança, equilíbrio psíquico, bem-estar e consciência dos aspectos do seu ser que ainda precisam ser melhorados.

O trabalho de aprofundamento no conhecimento de si mesmo propicia o desenvolvimento do ser humano em diferentes aspectos de sua existência.

Na psicologia transpessoal, o ser humano é visto como um ser integral e não fragmentado. Concebe, pois, o ser humano nas suas mais diversas dimensões tais como a corporal, a vital (emocional), a mental (pensamento), a valorativa, a volitiva (vontade), a relacional (interpessoal), a social (sócio-histórica), a ecológica (ecossistêmica), a transcendente (religiosa e espiritual).

Nesse sentido, relata Carneiro (2010, p.86):

A psicologia transpessoal busca integrar no ser humano as funções pensamento (razão), sentimento (emoção), intuição e sensação, trabalhando os diversos estados de consciência, vigília, sono e sonho, dentro das várias vivências na área da ciência, religião, filosofia, arte e tradições espirituais, direcionando para a totalidade fundamental do ser, indo além do pessoal, do visível, do aparente. Leva-nos também a perceber a conexão entre todas as coisas, estabelecendo a comunicação transdisciplinar entre todas as áreas do conhecimento, reconhecendo a realidade como a manifestação de infinitas possibilidades, conforme nos mostram as ciências contemporâneas.

É importante ressaltar que, dentro deste

processo, a espiritualidade (que, no presente caso, não se confunde com religião ou religiosidade) ocupa um papel muito importante, já que a educação é um dos espaços onde esta pode ser cuidada e desenvolvida em prol do desenvolvimento humano.

Ao discorrer sobre o quanto é fundamental o autoconhecimento em nossas vidas, assim se manifesta Saldanha (2008, p.45):

Maslow na educação propunha que além do conhecimento extrínseco, ou seja, o conteúdo programático, precisávamos alimentar o conteúdo intrínseco, ou seja, o autoconhecimento pois só quando esses dois aspectos se unem emerge essa dimensão superior da consciência e é da dimensão superior da consciência que valores positivos, construtivos e transformadores se expressam gerando indivíduos melhores e uma melhor sociedade.

Diante de tantos desafios que atravessa o docente do ensino superior, principalmente o dos cursos jurídicos, tem este a seu dispor ferramentas valiosas apresentadas pela referida abordagem em forma de exercícios práticos que podem estimular o docente a observar e cuidar de cada uma dessas importantes dimensões, as quais não podem ser negligenciadas sob pena de vivermos muito aquém de nossas reais possibilidades. Por mais que pensemos que nossas questões internas não afetam o trabalho desenvolvido em sala de aula, o fato é que quanto menos nos conhecemos, mais vulneráveis, frágeis, menos resilientes e sujeitos a desequilíbrios psíquicos estaremos. Dessa forma, o conhecimento de tais ferramentas que estão à nossa disposição e se materializam através de diversos exercícios práticos levará a uma autopercepção profunda do ser, podendo fazer uma diferença significativa em nossas vidas como relatado adiante.

4.1 A ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL

Consoante anteriormente salientado, o trabalho de autoconhecimento dentro da perspectiva transpessoal faz com que o indivíduo se perceba como um ser integral

(multidimensional), devendo zelar, cuidar dos inúmeros aspectos de sua vida. Práticas milenares, a exemplo da meditação, podem promover o autoconhecimento, a expansão da consciência e o desenvolvimento pessoal do ser.

Sobre a importância da meditação, ressalta Barreto (2018, p.114):

A meditação é um estado de ser que implica no convergir da atenção de quem pratica para um determinado objeto, com o fim de percebê-lo, senti-lo e concebê-lo, enfim, ajudá-lo. Ela nos reenraiza em nosso interior, auxiliando-nos a atingir nosso objetivo maior, que enquanto humanos, é tornarmos-nos mais que isso. Com ela aprendemos a saber sentir e a sentir saber melhor as coisas da vida; meditar é portanto, dedicar-se na busca do inatingível, intangivelmente.

Estudos têm sido desenvolvidos ao longo dos anos em diversas partes do mundo, visando comprovar os benefícios da meditação para a saúde física e espiritual do indivíduo. Os resultados obtidos têm relevado o quanto esta prática milenar tem trazido repercussões positivas nos aspectos emocionais, cognitivos, sociais, físicos e espirituais, como já referido. As melhoras de quadros de estresse e ansiedade, da qualidade do sono, da função imunológica representam apenas alguns dos múltiplos benefícios advindos das práticas meditativas. No âmbito da Universidade de Brasília, existe um projeto de extensão denominado *Movi-mente*, que introduz práticas desta natureza e outras dentro do espaço acadêmico a fim de que tanto docentes como discentes e pessoas da comunidade possam ter acesso a estas e usufruir dos benefícios de tais atividades.

Assevera Brito (2013, p.148), docente da aludida Universidade, que estudou com profundidade os impactos do referido projeto no ambiente acadêmico:

Identificamos que os indivíduos em função de uma exposição volitiva ao Kaos se abrem para romper com a “mesmice” cotidiana (hábitos, padrões, condicionamentos) e

vivenciar a possibilidade de um novo estado de equilíbrio e dinamismo vital que repercute na sua capacidade de solucionar problemas e de lidar com sua complexidade. Esse salto conduz, frequentemente, a uma ação proactiva tanto pessoal como social indicando a procedência da hipótese que levantamos.

A Universidade Federal da Bahia, por intermédio de sua Escola de Enfermagem, possui projeto similar ao da UnB referente a práticas integrativas e complementares de saúde, oferecendo atividades dessa natureza aos docentes, discentes e membros da comunidade em geral, dentro do espaço acadêmico, inclusive no âmbito da própria Faculdade de Direito da UFBA.

Um dos benefícios do autoconhecimento para o docente é o de possibilitar que ele interaja melhor com o educando, fazendo-se respeitar por este, perceba seus próprios limites e diminua o estresse diário provocado pelo desgaste da profissão.

Afirma Wilber (2001) que, com a nossa transformação, influenciaremos a modificação de toda a cadeia evolutiva, uma vez que somos todos interdependentes.

Técnicas projetivas para reequilíbrio das quatro funções psíquicas (razão, emoção, intuição e sensação), exercícios de imaginação criativa para conexão do indivíduo com seu momento atual, utilização de mandalas como recurso terapêutico, uso de desenhos e da música são apenas algumas das diversas técnicas que o indivíduo pode utilizar para entrar em contato com o seu universo interior.

Uma das ferramentas mais simples e conhecidas para trabalhar este nosso aspecto multidimensional denomina-se “Roda da Vida”, muito utilizada em empresas.

Nesta simples ferramenta que visa proporcionar a reflexão do indivíduo acerca dos diversos aspectos de sua existência constrói-se (desenho) um círculo numa folha de papel e reparte-se este nas áreas consideradas por nós como mais importantes de nossa vida, a exemplo de saúde, realização profissional, família, realização financeira, espiritualidade, relações interpessoais, relação intrapessoal, equilíbrio emocional, dentre outras. A seleção fica a critério do indivíduo (nesse

contexto, o docente) que vai selecionar, naquele momento, as dimensões de sua vida que considera mais importantes. O objetivo é o docente refletir profundamente sobre cada uma dessas dimensões, fazendo por intermédio de uma escala numérica) uma autoavaliação honesta de si mesmo em cada campo e identificando que fatores o estariam impedindo de ter uma vida mais plena dentro daquele aspecto abordado, quais as suas crenças limitantes, bem como as estratégias, ações que pode utilizar para melhorar o quadro em que se encontra.

A referida ferramenta possibilita a sinalização dos aspectos de nossa vida que merecem uma maior atenção no momento atual, permitindo o foco nos objetivos, para que se atinja o que se almeja.

No que tange especificamente à Abordagem Integrativa Transpessoal segundo assevera Saldanha (2008) esta apresenta um embasamento inserido em uma perspectiva humanista da Psicologia, com enfoque transdisciplinar. Sua terminologia *integrativa* refere-se à integração assimilativa, teórica e de fatores comuns. Foi criada e desenvolvida por Vera Saldanha, a partir do ano de 1988, inicialmente como *Terapia Integrativa Transpessoal* com foco na área clínica.. Desta forma a abordagem integrativa transpessoal é uma linha dentro da psicologia transpessoal que pode ajudar o docente da área jurídica a desenvolver um trabalho muito mais eficiente. Caracteriza-se como um conhecimento transdisciplinar na área de ciências humanas.

Para a autora as técnicas da AIT podem ser aplicadas com fins terapêuticos, profiláticos ou complementares, de acordo com o recurso técnico utilizado e a necessidade ou o contexto do indivíduo, para beneficiá-lo da melhor forma. Estas levam sempre a uma tomada de consciência, permitindo uma conexão cada vez maior consigo mesmo, com o essencial de cada ser.

Adverte ainda a criadora da AIT que somente acontece a experiência verdadeira quando esta nos toca e nos transforma em sujeito autoconsciente da inteireza de nossa transcendência.

Cumprido destacar que a AIT possui dois aspectos básicos os quais dão embasamento teórico e que possibilitam sua aplicação prática os quais são denominados

de aspecto estrutural (corpo teórico) e aspecto dinâmico com os eixos experiencial e evolutivo.

No que tange ao eixo experiencial que faz parte do aspecto dinâmico da AIT, este simboliza uma integração da razão, emoção, intuição e sensação (REIS) e é representado por uma linha horizontal sobre outra linha vertical que se cruzam no meio.

Para o despertar da consciência do ser vários procedimentos técnicos podem ser utilizados e são enquadrados em cinco grupos tais como: Intervenção verbal; Imaginação ativa; reorganização simbólica; dinâmica interativa e recursos auxiliares e adjuntos.

No grupo da dinâmica interativa (sete etapas) há exercícios que articulam diferentes conteúdos do inconsciente nos vários estados de consciência. Ocorre um processo de aprofundamento, segundo Saldanha, dos conteúdos trazidos através de sete etapas: Reconhecimento, identificação, desidentificação, transmutação, transformação, elaboração e integração.

5 CONCLUSÃO

Criada e desenvolvida por Vera Saldanha, a partir do ano de 1988, inicialmente como *Terapia Integrativa Transpessoal* com foco na área clínica a *Abordagem Integrativa Transpessoal* apresenta um embasamento inserido em uma perspectiva humanista da Psicologia, com enfoque transdisciplinar.

Desta forma buscou-se ressaltar a importância da Abordagem Integrativa Transpessoal para o profissional do ensino do direito, curso este marcado por um forte tradicionalismo.

Na sua prática docente, os professores de uma maneira geral se deparam com diversas dificuldades, tensões e desafios, os quais muitas vezes, se não forem bem processados internamente pelo sujeito, acabam por comprometer todo um trabalho promissor.

Conforme relata Espírito Santo (2008), essa consciência de um processo autotransformador e da transformação do “em torno de si” é uma das mais relevantes questões de uma nova educação.

O ensino jurídico no Brasil está passando, na atualidade, por um processo de resignificação, o que nos leva a repensar qual o papel do docente dos

cursos de Direito na contemporaneidade. A criação dos cursos jurídicos no Brasil se deu de forma tardia se comparado a outros cursos como Engenharia Civil e Medicina. Fortemente influenciado pelo paradigma newtoniano-cartesiano, o ensino jurídico sofreu e ainda sofre os reflexos desta visão reducionista.

Segundo muito bem apontado por Boaventura e Almeida (2017), o profissional do Direito na pós-modernidade deve ter uma visão integrada dos conhecimentos apreendidos, de forma a possibilitar o estímulo à criatividade para resolver demandas sem precedentes e sem soluções equivalentes.

Dentro desse processo, é necessário que o professor da educação superior atuante nos cursos jurídicos tenha uma formação que englobe sólidos conhecimentos pedagógicos bem como um investimento no processo de autoconhecimento. Neste contexto a abordagem integrativa transpessoal constitui-se num recurso de extremo valor através das inúmeras práticas existentes.

O aprofundamento no conhecimento de si mesmo é condição fundamental para que o indivíduo se desenvolva em diferentes aspectos de sua existência. Como assevera Freire (2016), não é possível vivenciar amor, humildade, fé nos homens e pensar crítico sem que haja um profundo trabalho de autoconhecimento.

Embora existam várias escolas psicológicas que nos apresentam esta ferramenta de extremo valor (o autoconhecimento) como a junguiana, por exemplo, preferiu-se adotar, neste trabalho, os conceitos trazidos pela psicologia transpessoal também conhecida como a quarta força da psicologia. Tal corrente apresenta o homem como um ser integral, dotado de múltiplas dimensões, as quais necessitam ser observadas e cuidadas.

O autocuidado por parte do docente se reflete, de forma significativa, na relação com o discente, tornando-a mais harmoniosa, contribuindo para o objetivo final, que é a aprendizagem efetiva do estudante.

Abordando, em sua obra, o paradigma educacional emergente, argumenta Moraes (2004) que, pelo autoconhecimento, pela compreensão de sua própria natureza e da natureza do outro, podemos desenvolver atividades práticas que mudem sistemas

externos, sejam eles econômicos, políticos, sociais ou ecológicos.

Sália Ferreira Sobrinho (2000), ao analisar o ensino jurídico no Brasil, que, se o mundo não contasse com os idealistas, ele seria bem pior. Por isso é preciso sonhar, pois os sonhos são, na verdade, o motor das realizações que, à primeira vista, pareciam impossíveis. Sem eles não se pode viver com esperança.

Isso posto, perceber-se inicialmente o docente como um ser integral e comprometido de fato com a vivência do “educar para ser”, consoante nos chamou tão bem a atenção Delors (2012) ao ressaltar os quatro pilares da educação no século XXI, é o primeiro passo para a construção de um novo ensino jurídico em que a valorização do aspecto humano seja uma prioridade. Nesse contexto, a utilização da abordagem integrativa transpessoal pelo docente utilizando uma ou várias práticas disponibilizadas por esta podem trazer-lhe um equilíbrio emocional que permitirá um melhor desempenho profissional e conexão com o outro.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maribel. *Os ditames da consciência: a ode humana*. Salvador: Sathyarte, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOAVENTURA, Eivaldo M.; ALMEIDA, Marcella Pinto. O ensino jurídico brasileiro e a sua necessidade de ressignificação na pós-modernidade. *Revista Eletrônica de Direito da Unifacs*, Salvador, n. 209, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria nº 20, de 22 de dezembro de 2014*. Estabelece os procedimentos e o padrão decisório para os pedidos de autorização dos cursos de graduação em direito ofertados por Instituições de Educação Superior – IES integrantes do Sistema Federal de Ensino, em trâmite no Ministério da Educação até a publicação desta Portaria Normativa. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

=16784-port-norm-020-19122014&category_slug=dezembro-2014pdf &Itemid=30192. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria nº 1.886, de 30 de dezembro de 1994*. Fixa as diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do curso jurídico. Brasília, DF, 1994. Disponível em: <http://oab-rn.org.br/arquivos/LegislacaosobreEnsinoJuridico.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CES nº 9, de 24 de setembro de 2004*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Direito e dá outras providências. Brasília, DF, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces09_04.pdf. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação *Resolução CNE/CP nº 02, de 22 de dezembro de 2017*. Institui e orienta a implantação da Base Nacional comum curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da educação básica. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces02_17.pdf. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação *Resolução CNE/CP nº 04, de 17 de dezembro de 2018*. Institui a Base Nacional comum curricular na etapa do ensino médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação básica, nos termos do art 35 da LDB, completando o conjunto constituído pela BNCC da Educação infantil e do ensino fundamental, com base na resolução CNE/CP nº 2/2017, fundamentada no parecer CNE/CP nº 15/2017. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces04_18.pdf. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação *Resolução CNE/CES nº 05, de 17 de dezembro de 2018*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Direito e dá outras providências. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_18.pdf. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRITO, Marcelo de. *A construção do sentimento de unidade: desdobramentos de uma abordagem corporal atípica no desenvolvimento humano*. 2013. 166f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Portugal, 2013.

CARNEIRO, Celeste. *Arte, neurociência e transcendência*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

CRUZ, Ana Lucia Oliveira da. *Neurociência, consciência e meditação: Prática no cotidiano de uma escola privada em Salvador*. In: 6º Simpósio Internacional sobre Consciência, 2015, Salvador: Sathyarte, 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. *Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade*. Salvador: Edufba, 2010.

D'ÁVILA, Cristina. *Aprendiz de professor: a importância da abordagem experiencial na construção identitária docente*. In: D'ÁVILA, Cristina (Org.). *Ser professor na contemporaneidade*. 2.ed. Curitiba: Crv, 2013 a. p.49-62.

D'ÁVILA, Cristina. *Docência na educação superior: labirintos e saídas na construção da profissionalidade docente*. In: D'ÁVILA, Cristina; VEIGA, Ilma Passos (Org.). *Profissão docente na educação superior*. Curitiba, Crv, 2013 b. p19-34.

DELORS, Jacques. *Os quatro pilares da educação*. In: DELORS, Jacques (Coord.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: Unesco, 2012. p.89-102.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar. *O renascimento do sagrado na educação: o autoconhecimento na formação do educador*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FARIA, Adriana Ancona de; LIMA, Stephane Hilda Barbosa. *As novas diretrizes curriculares nacionais do curso de direito: Processo de construção e inovações*. In: RODRIGUES, Horácio Wanderlei (Org.). *Educação Jurídica no século XXI*. Florianópolis: Habitus, 2019 a. p.11-23.

FÁVERO, M. DE L. DE A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17–36, dez. 2006.

FERREIRA SOBRINHO, José Wilson. *Didática e aula em direito*. Porto Alegre: Fabris, 2000.

FIGUEIREDO, Luis Claudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2011.

FREIRE, Isabel Ribeiro. *Raízes da psicologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MASETTO, Marcos Tarcisio. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo, Summus, 2012.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 2011.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma*

educacional emergente. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

NUNES, E. Desafio estratégico da política pública: o ensino superior brasileiro. **Revista de Administração Pública-RAP**, v. 41, 2007.

RODRIGUES, Horácio Wanderlei. As novas diretrizes curriculares nacionais do curso de Direito: processo de construções e inovações. In: RODRIGUES, Horácio Wanderlei (Org.). *Educação Jurídica no século XXI*. Florianópolis: Habitus, 2019 a..p. 235-305.

RODRIGUES, Horácio Wanderlei. *Cursos de Direito no Brasil: diretrizes curriculares e projeto pedagógico*. Florianópolis: Habitus, 2019 b.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SALDANHA, Vera. *Psicologia transpessoal – abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. São Paulo: Summus, 2008.

WILBER, Ken. *Uma breve história do universo: de Buda a Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – À GUIA DE SALMO

Wilson Pereira de Jesus*

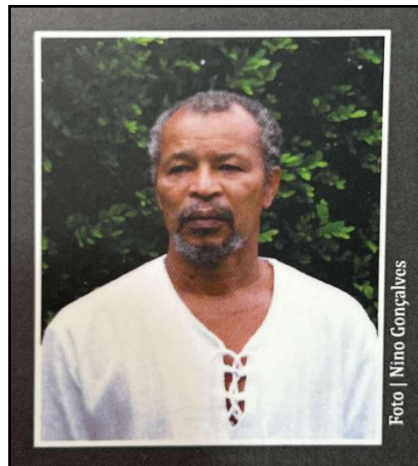
A vida vem de longe
 a convidar para a festa

Esta alegria de ser
 e florescer de repente.

A vida vem de onde
 um monge numa praça

em estado de graça
 eterniza o instante.

A vida é num instante!



Wilson Pereira de Jesus

* **Wilson Pereira de Jesus** – Doutor em Educação Matemática, poeta, músico de vários instrumentos. Professor de Matemática na Universidade Estadual de Feira de Santana, (BA) - UEFS. Autor do livro *Num Filtro de Barro*. Editora Zarte, Universidade Livre Editora, 2022 – Feira de Santana-BA – 75 99116-6034 WhatsApp. zartegraf@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – NUM FILTRO DE BARRO Apresentação



Gildemar Carneiro dos Santos*

Conheci Wilson no ginásio, acho que já na primeira série, em Serrinha, Bahia. Era 1967 e eu tinha 12 anos. Ele impressionava pela criatividade e simpatia. Quando surgiu a bandinha de flautas doces e marimba no ginásio, regida pelo maestro Luiz, ele e eu começamos a aprender flauta doce e partimos para o mundo. Eu fui para São Paulo, estudar Física e ele foi para Feira de Santana estudar Licenciatura em Ciências. Não tivemos mais contato. Mas ele continuou se aprimorando no estudo da flauta doce e eu também. Eu fui pro Japão, onde conheci Paulo Sakanaka, da Unicamp, que fazia pesquisa conjunta com meu orientador japonês, Taniuchi. Encontrei com Paulo acho que um ou dois dias, pois ele logo voltou pro Brasil. Pois esse Paulo deu aulas de Tai-chi-chuan para Wilson, quando ele fez o doutorado em Educação Matemática na

Unicamp. Sem saber de nada, eu aprendia Tai-chi no Japão.

Wilson passou a dar aula de Matemática na Universidade Estadual de Feira de Santana, e eu, de Física, na Universidade Federal da Bahia. Anos depois ele foi me visitar em Serrinha, durante uma Semana Santa. Imaginou que eu deveria estar visitando meus pais e acertou. Só então retomamos o contato e só mais tarde fui saber que mantínhamos a flauta doce e o Tai-chi como *hobby* comum. Wilson agora era doutor em Educação Matemática, poeta, músico de vários instrumentos. E sábio. Dono de uma conversa profunda e cozinheiro de primeira mão. Conhece remédios para todos os males, e lançou este livro de poesias, em abril/2023: **Num Filtro de Barro**, para iluminar mais o mundo.

* **Gildemar Carneiro dos Santos** – Instituto de Física, UFBA. Doutor em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor associado da Universidade Federal da Bahia. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445> gildemar@ufba.br



4 – OS INCRÍVEIS EFEITOS DA POESIA EM TEU CÉREBRO

Jennifer Delgado Suárez*

Poesia são dardos em forma de palavras que vão direto para a parte mais emocional do nosso cérebro. Há poemas que despertam um tsunami emotivo real e nos arrepiam, como “A Primeira Elegia”, de Rainer Maria Rilke, cujos versos dizem:

“A beleza é nada mais que o princípio do terrível,
 Aquilo que somos apenas capazes de suportar,
 Aquilo que admiramos porque serenamente deseja nos destruir,
 Todo anjo é terrível.”

Rilke descreveu o terror que sentimos quando adquirimos um conhecimento mais amplo, o momento em que ficamos mais conscientes de nossas limitações e da complexidade do mundo, e percebemos tudo o que não entendemos, conscientes daquilo que nunca iremos compreender. É uma possibilidade bela e sedutora, mas também muito assustadora.

A poesia tem a capacidade de enviar poderosas mensagens emocionais e ativar a reflexão, ainda que seja certo dizer que o maior prazer que sentimos ao ler um poema, como quando desfrutamos de uma obra de arte, não provém de uma reflexão profunda, mas de sensações que nós experimentamos. Na verdade, Vladimir Nabokov disse que não se deve ler com o coração ou com o cérebro, mas com o corpo.

Pesquisadores do Instituto Max Planck de Estética Empírica se propuseram a explorar mais a fundo as influências da poesia em nosso cérebro, e os resultados de seu estudo são fascinantes.

A poesia gera mais prazer, a nível cerebral, que a música.

Pesquisadores pediram a um grupo de pessoas, alguns liam poesia com frequência, para ouvir poemas lidos em voz alta. Alguns dos poemas pertenciam a conhecidos poetas alemães como Friedrich Schiller, Theodor Fontane e Otto Ernst, apesar de que foi dada a opção para os participantes escolherem algumas obras, incluindo autores como William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Nietzsche, Edgar Allan Poe, Paul Celan e Rilke.

Enquanto os voluntários escutavam os poemas, os pesquisadores registravam o ritmo cardíaco, expressões faciais e até mesmo os movimentos dos pelos sobre a pele. Além disso, quando as pessoas sentiam um arrepio, elas eram instruídas a avisar, pressionando um botão.

Curiosamente, todas as pessoas, mesmo aquelas que não tinham costume de ler poesia, relatavam calafrios em algum momento durante a leitura, 40% sentiram arrepios várias vezes. Estas são respostas similares às aquelas que experimentamos quando escutamos música ou assistimos a uma cena de um filme que gera grande ressonância emocional.

No entanto, as respostas neurológicas estimuladas pela poesia eram únicas. Os dados mostraram que ao tomar contato com os poemas, partes do cérebro usualmente desativadas quando expostas ao estímulo de filmes e música foram despertadas.

Os neurocientistas descobriram que a poesia cria um estado que chamaram de “pré-relaxamento”; ou seja, que provoca uma

*Jennifer Delgado Suárez – Psicóloga e escritora espanhola. Criou o blog *Rincón de la Psicología* para divulgar os seus estudos psicológicos aplicados à vida cotidiana. <https://rinconpsicologia.com>

reação de prazer gradativo a cada estrofe escutada. Na prática, ao invés da emoção nos invadir repentinamente, como quando escutamos uma canção, a poesia gera um crescendo emocional que começa até 4,5 segundos antes de sentirmos o arrepio.

Curiosamente, esses picos emocionais ocorriam especificamente em trechos dos versos, como no final das estrofes e, acima de tudo, no final da poesia. É uma descoberta muito interessante, especialmente considerando-se que 77% dos participantes que nunca tinha escutado um poema também mostraram as mesmas reações e sinais neurológicos que antecipavam os focos emocionais da leitura.

A poesia estimula a memória, facilita a introspecção e nos relaxa.

Neurocientistas da Universidade de Exeter escanearam os cérebros de um grupo de participantes enquanto liam conteúdos diferentes, desde um manual de instalação de ar-condicionado, passando por diálogos de novela, até sonetos e poemas.

Estes pesquisadores descobriram que o nosso cérebro processa a poesia de forma diferente que a prosa. É ativada uma “rede de leitura” peculiar que abraça diferentes áreas, entre elas, aquelas responsáveis pelo processamento emocional, ativadas fundamentalmente pela música.

Eles também perceberam que a poesia estimula áreas do cérebro associadas com a memória, como o córtex cingulado posterior e o lobo temporal médio, áreas que são despertadas quando estamos relaxados, ou introspectivos.

Isto demonstra que existe algo muito especial na estrutura do texto poético que gera prazer. Na verdade, a poesia é uma expressão literária muito especial que transmite sentimentos, pensamentos e

ideias, praticando síntese métrica, trabalhando rimas e aliteração.

Portanto, não faz mal inserir um poema por dia em nossa rotina.

Nossos agradecimentos a Carlos Francisco Cecconi que nos encaminhou esse texto, com o título:

O QUE ACONTECE AO LER POESIA

A poesia não é um gênero literário, é um idioma anterior a todas as palavras.

Mia Couto

Publicado na Revista *Pensar Contemporâneo*.

Fonte do texto:

SUÁREZ, Jennifer Delgado. Los increíbles efectos de la poesía en tu cerebro. in Rincón de la Psicología

[<https://rinconpsicologia.com/poesia-efectos-en-cerebro/>]. Tradução livre e adaptada para o português na Revista *Pensar Contemporâneo*

[<https://www.pensarcontemporaneo.com/ler-poesia1/>]

Fontes citadas pela autora:
Wassiliwizky, E. et. Al. (2017) The emotional power of poetry: neural circuitry, psychophysiology, compositional principles. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*; 12(8): 1229-1240.

Zeman, A. Z. et. Al. (2013) By heart. An fMRI study of brain activation by poetry and prose. *Journal of Consciousness Studies*; 20(9-10): 132-158.

LOS INCREÍBLES EFECTOS DE LA POESÍA EN TU CEREBRO



La poesía son dardos con forma de palabras que van directo a la parte más emocional de nuestro cerebro. Hay poemas que despiertan un auténtico *tsunami* emocional y hacen que se nos pongan los pelos de punta, como la “Primera Elegía” de Rainer Maria Rilke, cuyas estrofas dicen:

“La belleza no es nada sino el principio de lo terrible, lo que somos apenas capaces de soportar, lo que sólo admiramos porque serenamente desdeña destruirnos. Todo ángel es terrible”.

El terror que Rilke describe es el que sentimos cuando adquirimos un conocimiento más vasto, en ese momento nos volvemos conscientes de nuestras limitaciones y la complejidad del mundo, y nos damos cuenta de todo lo que no entendemos y no llegaremos a entender. Es una posibilidad bella y seductora pero a la vez muy aterradora.

La poesía tiene la capacidad de enviar potentes mensajes emocionales y activar la reflexión, si bien es cierto que el mayor placer que se encuentra al leer un poema, como cuando disfrutamos de una obra de arte, no proviene de la reflexión profunda sino de las sensaciones que experimentamos. De hecho, Vladimir Nabokov dijo que uno no debe leer con el corazón ni con el cerebro sino con el cuerpo.

Investigadores del Instituto Max Planck de Estética Empírica se propusieron explorar más a fondo cómo influye la poesía en nuestro cerebro, y los resultados de su estudio son fascinantes.

La poesía genera más placer a nivel cerebral que la música.

Los investigadores pidieron a un grupo de personas, algunos de los cuales leían poesía con frecuencia, que escucharan algunos

poemas leídos en voz alta. Algunos de los poemas pertenecían a poetas alemanes conocidos como Friedrich Schiller, Theodor Fontane y Otto Ernst, aunque los participantes también pudieron escoger algunas obras, entre las cuales se encontraban autores como William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Nietzsche, Edgar Allan Poe, Paul Celan y Rilke.

Mientras los voluntarios escuchaban los poemas, los investigadores registraron su ritmo cardíaco, las expresiones faciales e incluso los movimientos de los vellos de la piel. Además, cuando las personas sentían un escalofrío debían indicarlo presionando un botón.

Curiosamente, todas las personas, incluso quienes no leían poesía, reportaron escalofríos en algún momento durante la lectura y al 40% se les puso la piel de gallina varias veces. Estas respuestas son similares a las que experimentamos cuando escuchamos música o vemos alguna escena de una película que genera una gran resonancia emocional.

Sin embargo, las respuestas neurológicas ante la poesía eran únicas. Los datos mostraron que al escuchar los poemas se activaban partes del cerebro que permanecen “apagadas” cuando escuchamos música o vemos películas.

Los neurocientíficos descubrieron que la poesía genera un estado que llamaron “pre-chill”; es decir, provoca una reacción de placer que se va construyendo lentamente a medida que se escuchan las estrofas. En práctica, en vez de emocionarnos repentinamente, como cuando escuchamos una canción, la poesía genera un *in crescendo* emocional que comienza hasta 4,5 segundos antes de que percibimos el escalofrío.

Curiosamente, esos picos emocionales ocurrían principalmente en determinadas

posiciones dentro de los poemas, como al final de las estrofas y, sobre todo, al final del poema. Es un descubrimiento muy interesante, sobre todo teniendo en cuenta que el 77% de los participantes que nunca habían escuchado un poema también mostraron esas mismas reacciones y signos neurológicos que anticipaban los puntos emocionales álgidos de la lectura.

La poesía estimula la memoria, facilita la introspección y nos relaja.

Neurocientíficos de la Universidad de Exeter escanearon el cerebro de un grupo de participantes mientras leían diferentes contenidos, desde un manual de instalación de la calefacción hasta pasajes evocadores de novelas, sonetos rimados y su poema favorito.

Estos investigadores descubrieron que nuestro cerebro procesa la poesía de manera diferente a cómo procesamos la prosa. Se activa una “red de lectura” peculiar que comprende diferentes zonas, entre ellas aquellas relacionadas con el procesamiento emocional, que se activan fundamentalmente con la música.

También apreciaron que la poesía estimula las zonas del cerebro vinculadas con la memoria y partes del cerebro como la corteza cingulada posterior y los lóbulos temporales mediales, unas zonas que se activan fundamentalmente cuando estamos relajados o ensimismados en nosotros mismos.

Esto demuestra que existe algo muy especial en la forma poética que genera placer. De hecho, la poesía es una expresión literaria muy especial que transmite sentimientos, pensamientos e ideas acentuando las restricciones métricas, la rima y la aliteración.

Por tanto, no está de más insertar un poema al día en nuestra rutina.

Fuentes:

Wassiliwizky, E. et. Al. (2017) The emotional power of poetry: neural circuitry, psychophysiology, compositional principles. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*; 12(8): 1229-1240.

Zeman, A. Z. et. Al. (2013) By heart. An fMRI study of brain activation by poetry and prose. *Journal of Consciousness Studies*; 20(9-10): 132-158.

JENNIFER DELGADO SUÁREZ

Soy psicóloga, no solo por profesión sino por pasión. Durante varios años he estado investigando, enseñando y escribiendo artículos para revistas científicas especializadas en Salud y Psicología. No las recopilaré en un currículo larguísimo porque, además de aburrido, pueden hallarlo en sitios como este.

Entre el vocabulario científico y el estilo rígido que imponen los editores y las universidades, fui acumulando el deseo irresistible de escribir libremente. ¿Por qué limitar la Psicología a unos pocos entendidos cuando puede llegar a muchas personas y ayudarles a cambiar su vida?

Así, en 2009 nació el «Rincón de la Psicología», un espacio plural donde intento aplicar los estudios psicológicos a la vida cotidiana, donde intento explicar de manera sencilla cómo somos, por qué nos comportamos de cierta manera y, sobre todo, qué podemos hacer para crecer. Todo con un lenguaje comprensible, o al menos eso creo.

Este blog pretende convertirse en un refugio para la reflexión conjunta. Intenta hacer un alto en la vertiginosidad de la vida cotidiana y trata, cual psicoterapeuta, de crear momentos de introspección personalizados.

No hallarás consejos que pueden ser perfectamente ineficaces sino que descubrirás un camino para pensar y decidir de forma autónoma.

No prometo un viaje sencillo ni varitas mágicas sino que ofrezco una serie de temas que nos permitirán reconstruirnos y enfrentar los retos de la vida cotidiana desde una perspectiva diferente, más positiva y, sobre todo, más consciente. *Rincón de la Psicología* es un sitio pensado para comunicar porque creo firmemente que no es suficiente hablar, es necesario ser escuchado, y ni siquiera basta con ser escuchado, es imprescindible ser comprendido y aceptado.

Un saludo a todos los nuevos lectores, que espero pasen a formar parte de esta comunidad y un agradecimiento especial a todos aquellos que me siguen desde hace años, son un aliciente para continuar escribiendo. También podéis leerme en Yahoo España, donde colaboro sistemáticamente, y en Etapa Infantil.



5 – ATIVIDADES DO APP ANTISTRESS APLICADAS NAS SESSÕES ARTETERAPÊUTICAS

Miriam Aparecida da Rocha Joaquim* ¹
 Sonia Maria Bufarah Tommasi * ²

RESUMO

A partir de março de 2020 a vida mudou em termos mundiais por causa do vírus Covid-19. A interação entre as pessoas passou da forma presencial para o sistema virtual, tanto nos aspectos educacionais e profissionais quanto nos familiares e encontros religiosos, tais como cultos e missas. Demonstração de afeto e carinho passou a ser à distância. Ansiedade, irritação, medo, aflição se tornaram parte do cotidiano, inquietando e adoecendo a alma humana. As terapias até então presenciais, também tiveram que se adaptar ao virtual, dentre elas a Arteterapia que segue as orientações da UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia. Neste novo mundo todos estão aprendendo a se reinventar para, muito mais que sobreviver, poder viver e manter uma mente saudável. Para auxiliar nesta adaptação, a UNIPAZ-Goiás abriu o curso de Tecnologias Aplicadas na Arteterapia e Psicoterapias, com o intuito de capacitar arteterapeutas. Este curso, em sua primeira edição, foi coordenado e ministrado pela professora doutora Sonia Maria Bufarah Tommasi e o professor convidado especialista Arthur Fernando Drischel, sendo fundamentado na teoria da psicologia analítica e seguindo todas as normas propostas pela UBAAT. De maneira empírica este artigo expõe um estudo de caso, no qual se utilizou o aplicativo Antistress, para celular, apresentado em curso.

Palavras-chave: Novas tecnologias; arteterapia; aplicativos de celular.

* ¹ **Miriam Aparecida da Rocha Joaquim** – Mestre em Arteterapia Transdisciplinar, Especialista em Arteterapia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais, Professora de História da Arte, Arteterapeuta, escritora: mapdarocha.mar@gmail.com

* ² **Sonia Maria Bufarah Tommasi** – Doutora em Ciências da Religião, Mestre em Psicologia da Saúde, Psicóloga, Arteterapeuta: soniabtommasi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos num atelier arteterapêutico, visualizamos materiais diversos, como lápis de cor, tintas, pincéis, canetinhas, giz de cera, papéis, suportes diversos enfim, uma infinidade de materiais que auxiliem o inconsciente a se expressar por meio da produção de imagem. Além disso, a utilização de recursos corporais, do teatro, da música, da dança, da literatura também faz parte da abordagem arteterapêutica. Contudo, ocorreu uma mudança muito significativa na maneira de desenvolver as sessões terapêuticas. As sessões presenciais passaram para virtuais. Um aprendizado interessante e bem-vindo, visto que trouxe um pensar diferente e novos recursos que podem ser utilizados tanto presencialmente quanto nas sessões online.

Os aplicativos para celular vieram enriquecer os atendimentos. Vistos como algo nocivo por alguns e inviável para outros, ficou comprovado seus benefícios tanto para o cliente como para o terapeuta. O aplicativo Antistress estimulou as áreas sensoriais e a verbalização durante o processo. Sensações como prazer, irritação ou monotonia, foram expressas e identificadas pela cliente, objeto de estudo para este artigo.

A cliente, a partir de agora, será denominada de Maya.

Maya tem 53 anos, casada há dez, tem dois enteados, sendo uma menina de 13 anos que mora com o casal e um rapaz de 22, trabalha e mora sozinho. Ela é professora numa escola pública de artes, tem uma deficiência física, luxação congênita bilateral, se submeteu a várias cirurgias.

OS APPS E A ARTETERAPIA

Utilizar aplicativos de celular num atelier arteterapêutico pode despertar algumas sensações ou sentimentos no cliente que até então estavam adormecidos, escondidos como conteúdo sombrio do inconsciente. O jogo, a brincadeira, a interação com o aplicativo se dão de forma dialética, propiciando uma maiêutica socrática interativa e dinâmica nas sessões de Arteterapia com grande eficácia. Essa abordagem é

um tipo de *procedimento dialético*, isto é, de um diálogo ou discussão entre duas pessoas. Originalmente a dialética era a arte da conversação entre os antigos filósofos, mas logo adquiriu o significado de método para produzir novas sínteses. A pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico. (JUNG, 2013, §1, p. 14)

O diálogo acontece naturalmente a partir da percepção do movimento corporal, da expressão facial, da inquietação ou extrema concentração do cliente. No caso de Maya, ela dialogava enquanto jogava. “Não gostei desse jogo, é monótono.” (sic) “É somente isso que esse joguinho faz?” (sic) À medida que ia interagindo com o App sugerido e verbalizando as sensações percebia a si mesma. Para Duchastel

A utilização de diferentes meios de expressão, como o desenho, a pintura, a colagem, a modelagem, a música, as representações teatrais ou o movimento, permite um contato direto com a sabedoria inconsciente e estimula a emergência de emoções bloqueadas. (2010, p. 32)

Acrescenta-se aqui os aplicativos de celular, mais um recurso arteterapêutico. Ainda em Duchastel,

O jogo é um santuário, uma ilha, onde o princípio de realidade é parcialmente suspenso, retirado do tempo e do espaço, e onde tudo é permitido. Mágico e gratuito, o espaço do jogo não está sujeito às leis das obrigações sociais, do decoro ou da *performance*. É a atmosfera lúdica da arte-terapia, que permite repulsar as fronteiras do retrocesso, penetrar mais adiante nos mistérios do inconsciente e, assim, curar velhos machucados. (2010, p. 147)

Seguindo este princípio, os aplicativos foram utilizados como um recurso que facilitou a comunicação entre o cliente, Maya, e seu inconsciente. O estudo foi realizado seguindo a Psicologia Analítica desenvolvida por C. G. Jung, observando-se os símbolos, as emoções e as relações que a cliente fazia com seus conflitos internos.

APP ANTISTRESS NAS SESSÕES DE ARTETERAPIA

O aplicativo *Antistress* traz uma série de atividades que, como o nome do App sugere, são, ou deveriam servir, para relaxar.



Fonte: disponível em

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.JindoBlu.Antistress&hl=pt_BR&gl=US acesso 21 abr 2021

A descrição do aplicativo diz o seguinte:

Se você precisa relaxar, se divertir ou apenas um momento de distração, então aproveite esta incrível coleção de brinquedos onde você pode ouvir o som de um carrilhão de bambu, brincar com caixas de madeira, passar o dedo na água, tocar nos botões, desenhar com giz e muito mais! Você está esperando por algo e precisa de uma distração? Abra o aplicativo Antistress e comece a brincar com o Pêndulo de Newton! Você está furioso com alguém? Relaxe um pouco com o jogo Racha-Cuca! Você precisa se distrair do estudo? Abra o aplicativo Antistress e escolha um dos 50 (cinquenta!!!) jogos para brincar!

Tenha um tempo para você mesmo e viva um momento de diversão. Este jogo inclui também um carrilhão de bambu antistress, uma escala de dedo e algumas janelas sujas para limpar!

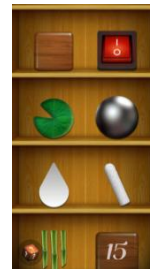
Para Maya não houve, na grande maioria dos jogos oferecidos, uma diminuição do estresse, considerou-os monótonos pontuando-os como “pouco empolgantes”.

Esse aplicativo traz muitas atividades, porém para mim, em sua maioria, pouco empolgantes. Por quê? Porque sou uma pessoa que aprecia estar com a mente em movimento, me desafiar. Simplesmente apertar as bolinhas do papel bolha me deixa um pouco ansiosa. Para o meu tipo de personalidade, não tem função. (sic)

Maya foi ficando insatisfeita e perguntou se não havia algum tipo de explicação para as atividades, se era apenas para “apertar bolinhas” ou “empurrar folhas e vitórias-régias”. Contudo fez algumas importantes descobertas a respeito de si.

O aplicativo oferece 75 jogos gratuitos. Desses, Maya apreciou a exploração de apenas seis deles. Abaixo segue suas observações a respeito das atividades e algumas análises sobre os símbolos que surgiram.

Sequência 1:



Nesta sequência Maya brincou com vontade na atividade com o giz e a sequência de quadrados numerados. Ponderou que as demais atividades eram “meio maçantes. Não havia nada de interessante para fazer a não ser ouvir sons, como no bambu e ficar rolando as bolas cinza ou empurrando as vitórias-régias e as folhas”. (sic)



“Gostei desses quadrados numerados para colocar na sequência. Esse jogo desafia, você tem que encontrar estratégias para colocá-los em ordem. Uma das descobertas que fiz é que gosto de sequenciar as coisas, de dar uma ordem a elas. Porém na minha mesa de trabalho com mandalas, por exemplo, não consigo deixar nada arrumado, contudo as mandalas saem bem feitas!” (sic)

Aqui Maya encontrou uma das características da sua personalidade, gosta de sequenciar as coisas, mas percebe que não é tão organizada ao trabalhar com a criação de mandalas. Uma divergência interessante. No caso, o inconsciente trouxe uma informação importante. Maya é, ao mesmo tempo, organizada e desorganizada. Para Henderson (apud JUNG, 2008, p.183),

tais “elementos contrários, evidentemente, só se podem reconciliar em um nível psicológico de percepção altamente sofisticado (...)”.

Percebeu-se que a cliente ficou satisfeita com sua descoberta. Disse que “talvez seja a busca de um equilíbrio. É muito chato ser certinha o tempo todo. Preciso bagunçar alguma coisa. Isso me faz bem. Depois coloco tudo no lugar e está tudo certo”. (sic)

Outra atividade que produziu foi com a simulação de quadro e giz. Escolheu esse, segundo ela, por ser professora



“Gostei da atividade com giz. Queria mais cores para poder criar coisas diferentes. Gosto muito de fazer árvores, foi o que melhor se encaixou nessa brincadeira.” (sic)

Neste momento surge a árvore como símbolo. Maya relatou que desde pequena tem um encantamento por árvores. É como se tivessem vida. Na sua imaginação da infância, era a morada das fadas e duendes. Hoje é fonte de energia, de vida. Disse ter um respeito muito grande por esta planta. “Nossa conexão com o interior que é a terra e o infinito, que é o céu”. (sic) Segundo Martin (2012, p.130)

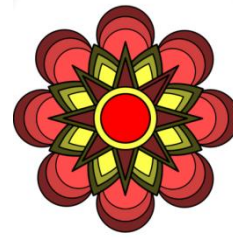
a árvore significa regeneração e atinge o céu e o submundo, domínios da eternidade. E, portanto, a árvore também é um cosmo abarcando esferas psíquicas de repouso, criatividade e iniciação que transcendem o espaço e o tempo.

Apesar da sua insatisfação inicial com as poucas cores, gostou do resultado e ficou satisfeita em conseguir desenhar num espaço tão pequeno que é a tela do celular.

Sequência 2:



Aqui Maya apreciou apenas a atividade com a mandala, mesmo assim fez a ressalva que é “uma atividade que já faço e sei que me acalma. Mas descobri que gosto mais de colorir a mão e ver o processo orgânico, natural, o vai e vem do lápis de cor ou da canetinha”. (sic)



Mandala produzida por Maya no App durante as sessões de Arteterapia.
Arquivo pessoal.

Para ela as outras atividades desta sequência foram entediantes. Segundo Maya rodar engrenagens; apagar o suor do vidro e ver sempre a mesma paisagem; ver até onde a força vai numa balança virtual; arremessar as bolinhas para que balancem de um lado para o outro; olhar para o relógio hipnótico; arremessar bolas moles e girar o *spinner*, são atividades repetitivas. Ao mesmo tempo que considera as atividades entediantes percebe as coisas que gosta e que não gosta, trazendo para a consciência a autoanálise e autopercepção e achando interessante o seu “tipo de personalidade. Nunca havia pensado dessa maneira sobre mim!” (sic) Disse que precisa de movimento. “Talvez porque precisei ficar longos períodos parada por causa de cirurgias e fisioterapia”. (sic) A última cirurgia que sofreu para colocar prótese no quadril da perna direita fez com que fizesse mais de cem sessões de fisioterapia, conforme ela, monótonas, repetitivas.

Maya traz a mandala pela segunda vez. Na primeira, apenas comentou que não é organizada quanto a mesa de trabalho e aqui contou que é uma atividade relaxante. Conversando um pouco mais, Maya falou que gosta da concentração que a mandala traz. O mundo ao seu redor desaparece e fica apenas a forma que produz, seus pensamentos e os materiais que utiliza. Para Maya é como se a mandala fosse ela própria com “algo a ser preenchido” (sic). Conforme explica Jacobi

Sabemos, por exemplo, pelas pesquisas e observações de Jung, que os mandalas, essas notáveis imagens de meditação de religiões orientais, que muitas vezes também aparecem no processo de desenvolvimento psicológico do ocidental moderno, são construídos sobre o princípio da tétrede, podendo ser

vistos como símbolos da “ordem primordial” da psique. Sua produção pode evocar ou expressar em seu autor essa “ordem primordial” potencialmente presente em cada psique, assim como a imersão meditativa nela pode fazer o mesmo em seu observador. (2016, p.191)

Maya relatou que começou a produzir as mandalas em 2019, quando “fiz minha última cirurgia, ou a penúltima. Não tenho certeza se essa será a última.” (sic) Em 2020, produziu ainda mais durante a pandemia. Ela disse que não era um passatempo, era uma necessidade. Segundo Chevalier e Gheerbrant

...o **mandala** é ao mesmo tempo um resumo da manifestação espacial, uma imagem do mundo, além de ser a representação e a atualização de potências divinas; é assim uma **imagem psicagógica**, própria para conduzir quem a contempla à iluminação. (2015, p. 585)

O inconsciente em busca de saúde estimula a produção de mandalas. Mesmo sem ter conhecimento do potencial desta expressão, se dedica a produção, e pouco a pouco o equilíbrio que necessitava para sua recuperação, não a física, mas mental surge.

Sequências 3 e 4:



Neste conjunto de atividades Maya não gostou de nenhuma. Para ela todas as atividades são monótonas e fáceis de executar. “Até mesmo a do dardo no alvo eu não me empolguei. Peguei o jeito de fazer no segundo ou terceiro arremesso. E o plástico bolha me irritou.” (sic) A cliente demorou-se

um pouco na atividade musical, mesmo assim sem entusiasmo.

Sequência 5:



Dentre essas 8 atividades, a única que Maya se ateu e interagiu foi com a simulação de pincel e nanquim. “O trabalho com pincel e nanquim me empolgou por trabalhar com criação, e porque não consegui exercer domínio total sobre o pincel, ou seja, o trabalho foi bem orgânico. Fiz uma sequência de desenhos.” (sic)

Nesta sequência de desenhos que produziu, apareceu uma árvore novamente, além da primeira letra do seu nome, um desenho abstrato e uma sequência de corações transpassados por uma flecha.

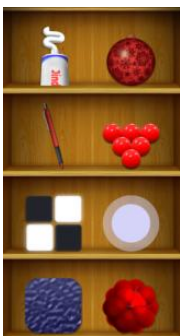


Desenhos produzidos por Maya no App durante as sessões de Arteterapia.

Arquivo pessoal

Maya ficou bastante satisfeita com o resultado dos seus desenhos. “O mais importante é que estou me respeitando com essas atividades. Me permitindo dizer que não gosto, que me frustra, que me irrita, que me é monótono.” (sic) Esses sentimentos, segundo ela, eram reprimidos, pois tinha necessidade de agradar as pessoas. “Acho que produzir árvores e mandalas revelou algo de dentro de mim. Parece que brotou uma Maya que eu até conhecia, mas que não deixava nascer. Esse trabalho com aplicativos está sendo bem bom para isso, também.” (sic)

Sequência 6:



“Sinuca! Gosto de jogar com os amigos, o que faz muito tempo que não faço. Demorei para descobrir o funcionamento do dedo com a função de taco. Gostei muito desse jogo. Desafia e é diferente do jogo presencial, pois o taco obedece muito melhor que o dedo!” (sic) Nesse jogo Maya demorou-se. Ficou concentrada tentando descobrir como poderia fazer para dominar o taco. Ao ser questionada a respeito dessa necessidade de dominar, Maya respondeu que não é o domínio do outro que interessa para ela, é o domínio de si mesma. Tentar até encontrar uma solução. “Se eu não fosse assim, provavelmente não teria sobrevivido com alegria a tudo que me aconteceu. Sei que outras pessoas fizeram muito mais cirurgias, mas cada um tem a sua história. Creio que não muitas pessoas começaram a andar com 4 anos de idade e tiveram que reaprender a andar diversas vezes porque encolheram uma perna e depois aumentaram a outra.” (sic)

Com esta fala, Maya nos revela um pouco mais sobre a necessidade dessa busca de equilíbrio, tanto físico quanto mental. Andar, no caso dela, foi algo que requereu muita concentração e coragem. Maya lembra, “minha tia disse que eu era uma criança sempre bem-humorada, risonha e tinha brilho nos olhos. Ela não entendia como eu podia ser assim vestindo um macacão de gesso”. (sic) Perguntei como ela se sentia ouvindo isso. “Já passou. De verdade, não lembro disso. Lembro apenas de criar muitas

estórias e viajar muito com minha imaginação”. (sic)

Outra atividade que chamou a atenção de Maya foram as bolinhas de Natal. “Fiquei surpresa comigo quando descobri que as bolinhas de Natal quebravam. Quebrei todas. Depois me lembrei das bolinhas de Natal, de vidro, que minha mãe tinha. Eu amava! Mas ela quebrou muitas e deu as que sobraram. Penso que faz muito sentido essa minha atitude por causa dessa minha lembrança de infância. Essas bolinhas exerciam certo fascínio, certa magia sobre mim”. (sic) Maya contou que não gosta muito do Natal e nem sempre foi assim. Depois que ela e a irmã cresceram o Natal perdeu a graça. A irmã não ficava mais com eles, o Papai Noel já tinha sido revelado e Jesus renascia todos os anos para dar a vida por quem não merece. Ela gosta mesmo é da Páscoa, da ressurreição. “A agonia acaba. Vida nova, recomeço, para mim é mais significativo”. (sic)

Sequência 7:



A Torre de Hanói e a Taça foram atividades que chamaram a atenção de Maya nesta sequência. A Torre de Hanói faz pensar em estratégias. Contou que a família tem uma Torre. “Temos uma aqui em casa e é a diversão quando levamos para praia ou quando está chovendo, ou seja, sempre! Visto que aqui chove praticamente todos os dias. Se alguém sumiu é porque está na Torre!” (sic)

Esta última frase chama bastante a atenção. O que se faz numa torre? Contos como Rapunzel e A Bela Adormecida trazem a torre como lugar de reclusão. Rapunzel está presa na torre, não conhece outra vida. A jovem Bela, princesa que chega a puberdade, vai ao topo de uma das torres do castelo, fura o dedo na roca e adormece, não somente ela, mas todo o reino. No caso da Torre de Hanói, há uma função bem definida pela cliente, faz pensar em estratégias. Se trata de um jogo solitário, individual, matemático e com regras para poder realizar. Assim como a mandala é de origem oriental. Há várias lendas sobre a Torre de Hanói. Todas elas falam sobre o centro do mundo, sobre três hastes e a missão recebida pelos

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Apps vieram para agregar no trabalho arteterapêutico, não só nos atendimentos on-line. Assim como os materiais artísticos, o trabalho com os aplicativos de celular revelam símbolos, sensações e sentimentos que estavam guardados.

Maya se propôs a utilizar todos os jogos disponíveis do App Antistress. Através deste aplicativo percebeu-se, questionou-se, resgatou memórias. A mandala e a árvore foram revelações importantes, pois antes produzia esses símbolos, através das atividades refletiu sobre eles.

Irritação, monotonia, inquietação foram as sensações que apareceram durante o processo, visto que ela precisa de desafios. Mesmo sendo da área de Humanas, gosta das Exatas. Isso se afirma quando coloca por diversas vezes que aprecia sequenciar, produzir coisas simétricas, como a mandala, por exemplo.

Portanto, mesmo em se tratando da tela de um celular é possível entrar em contato com o símbolo através de imagens prontas como as mandalas para colorir, ou criá-las como ambas as árvores, uma com simulação de quadro e giz, a outra com nanquim. Assim como a quebra fictícia de bolinhas de Natal e copos, ou mesmo através de atividades que não agradam, como um urso que pula e faz barulho ou papel bolha virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O App Antistress foi de grande valia nas sessões arteterapêuticas. A cliente não se opôs a trabalhar com ele sempre fazendo correlação com as sensações, os sentimentos e as recordações que este lhe trazia.

Mesmo sendo sessões on-line e utilizando-se os recursos virtuais, os símbolos emergiram do inconsciente pessoal de Maya, da mesma maneira que apareceriam numa sessão presencial com os materiais tradicionais. Foram os itens que Maya não gostou que a fez compreender-se melhor ao sair da normose, do padrão no qual estava vivendo. A zona de conforto a deixou irritada, desconfortável. Para Maya tudo que é repetitivo é monótono, assim com

ficar parado por muito tempo, como aconteceu após suas cirurgias. Ficou evidente que sua essência precisa de movimento. Mandala, árvores, boneca trouxeram lindas lembranças. Interessante observar que esses símbolos são estáticos, não possuem movimento.

A maiêutica foi extremamente importante, visto que através de questionamentos a cliente conseguiu observar-se e, inclusive, ela mesma produziu perguntas reflexivas a seu respeito. Essa interação cliente/terapeuta é mais importante ainda no atendimento on-line, visto que, num primeiro momento o arteterapeuta não está em contato direto com o símbolo surgido, mas com as expressões e a fala do cliente.

Constata-se que o atendimento on-line é tão valioso quanto o presencial e os aplicativos são tão eficientes quanto os materiais expressivos. Vale ressaltar que todos os jogos foram testados pela arteterapeuta antes de aplicá-los nas sessões com a cliente, da mesma maneira que os materiais artísticos devem ser avaliados com antecedência.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015
- DUCHASTEL, A. **O caminho do imaginário**: o processo de arte-terapia. São Paulo: Paulus, 2010
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo** na psicologia junguiana. Petrópolis: Vozes, 2016
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. (org.) **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008
- MARTIN, K. (org.) **O livro dos símbolos**: reflexões sobre imagens arquetípicas. Colônia: Taschen, 2012



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

6 – CONVERSO COM O VENTO!

Rose Kareemi Ponce

Sempre que sinto saudades. Sempre que quero notícias. Ele vem de mansinho, como quem faz um carinho e me sopra as novidades! Me conta dos que passaram dos que ficaram dos que sonham e dos que não sonham! Vem, como arrepio na pele, vem, como sussurro no ouvido, vem como gotas nos olhos!	que só cabem na alma, na lembrança que acalma com doçura e acalanto!
Sim, eu converso com o vento! Ele ultrapassa barreiras, rompe fronteiras e com ele, chegam recados! vem em perfumes, que nos levam com o vento a visitar lugares	Sim, eu converso com o vento! Ele me traz o beijo o leve toque das mãos a carícia no cabelo!
	Sim, eu converso com o vento! Ele me nutre a alma com palavras dos mestres que sempre sopram pérolas no ar!
	Sim, eu converso com o vento! E peço a ele, que sobre bem longe toda tristeza que possa haver! E com carinho, deposite nos corações a semente da paz!

Rose Kareemi Ponce
Pará Mirim Poty

Rose Kareemi Ponce – é indígena Guarani, nascida no Pantanal matogrossense, mulher de medicina, rezadeira e neta de rezadeiras. Escritora e redatora com textos publicados em livros no país e em Portugal e Espanha e textos em sites europeus, norte e sul americanos. Trabalha desde 2015 com a conscientização dos direitos dos povos originários do Brasil e resgate dos saberes ancestrais pré-colonização. Tem realizado trabalhos de decolonização da escrita e visão sobre indígenas em revista de quadrinhos. roseponce66@gmail.com Tel. (11) 9 7352-6622



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

7 – METODOLOGIA DE TRANSDISCIPLINARIDADE DE FORMA HOLÍSTICA NA EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO DE CONHECIMENTO E NÃO ACÚMULO DE INFORMAÇÕES COM IDEIAS MECANICISTA E CIENTIFICISTA

José Ricardo Corrêa da Silva*

RESUMO – As Escolas com suas metodologias educacionais, são o segundo lar de qualquer pessoa ao qual frequenta com regularidade, todas as suas fases, até se formar, pelo fato da mãe e pai poderem trabalhar. Entregam a responsabilidade dos filhos, muitas vezes diminuindo a relação afetiva da família. Portanto nesta instituição ficará o indivíduo, ao qual terá toda sua infância, a adolescência e sua juventude, destina a serem ouvintes dos docentes e uma coordenação de matéria de ensinos pragmática, ao qual seria para despertar a curiosidade dos seus discentes, formam indivíduos com opiniões opacas sem saberem defendê-las, criam profissionais para demanda do mercado. O tema desta dissertação é justamente transcrever a metodologia Transdisciplinar com pesquisas de estudos abordados em artigos sobre suas aplicabilidades, para resgatar o conhecimento na sua totalidade uma visão holística, assim criar uma dicotomia com a metodologia de fragmentação de forma cartesiana, elucidar o comportamento dos indivíduos na atualidade, ao qual autores manifestam a tendência cartesiana de gerar discentes com pensamentos que são mecanicistas e cientificistas. Nos artigos pesquisados alguns citados falam da importância do retorno de algumas disciplinas escolares, matérias para ampliar a forma de pensar, como também o despertar do pensamento para o conhecimento, indivíduos que não ficam na sua zona de conforto, recebendo informações e satisfeitos. O grande desafio desta metodologia será demonstrar os benefícios, rompendo paradigmas que há anos vem sendo aplicados nos ensinos repetitivos com conceitos de aprendizagem acumulativas, com respostas gabaritadas.

PALAVRAS-CHAVE: CARTESIANA. CIENTIFICISTA. HOLÍSTICA. MECANICISTA. TRANSDISCIPLINAR.

* **José Ricardo Corrêa da Silva** – Graduado em Gestão Ambiental. Pós-Graduando em: Administração Pública e Gestão Ambiental; Geografia Meio Ambiente e Sustentabilidade; Gestão de Produção do Meio Ambiente; MBA Executivo em Direito; Negócios e Operações Imobiliária; Direito Imobiliário. Curso com certificado em “Água como Elemento Interdisciplinar do Ensino nas Escolas” (USP). Pós-graduações formadas em: Docência em Ensino Superior e Direito Ambiental, Mestrando - Máster Internacional en Gestión Integrada: Medio Ambiente, Calidad y Prevención da Universidad Europea del Atlántico. Fundação Universitária Ibero- americana (FUNIBER). joserocardocs332@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Transdisciplinaridade de forma Holística na Educação

A transdisciplinaridade de forma holística na educação, contextualizará sobre as transformações que sofreram os ensinamentos com períodos que teve a mudança com uma nova metodologia, hoje com a quantificação de informações a metodologia bipartida do saber, ao qual o profissional possui uma única identidade na sua atividade profissional.

Terá um marco temporal, entre os séculos antes de Cristo, como era compartilhado o conhecimento nas primeiras escolas Gregas do período Clássico até quando surgiu o ensino bipartido ou cartesiano, período do surgimento do Iluminismo.

Elucidar os dois conhecimentos Transdisciplinar e Holístico, não negando o que se vem praticando, mas ajustar-se, com o debate construtivo, principalmente na delicada discussão sobre Educação. Portanto a transdisciplinaridade tem como, dentro de sua metodologia, o retorno de algumas disciplinas escolares que fundamentavam as questões filosóficas, matérias que pesquisadores acreditam que são fundamentais para ampliar a forma de pensar, como também o despertar do pensamento do Ser e não do Ter e do desejo do saber para deter o conhecimento.

Para desenvolver o conteúdo deste trabalho e sua contextualização, a abordagem foi utilizando procedimentos de pesquisas bibliográficas, pesquisas qualitativas de natureza básica, descritiva, exploratória circular e flexível, utilizando como fontes a internet, artigos científicos, dissertações, documentos.

O Conceito da metodologia nas escolas antigas na Grécia eram chamados de Paidéia, a educação que predominava os elementos da Natureza e ao qual o homem, neste sistema de educação, tinha nos seus conteúdos como ensinamentos: a ética, geografia, história natural, gramática, matemática, retórica, filosofia, música e ginástica, foram na fragmentação cartesiana desaparecendo na época do iluminismo.

Objetivo deste tema é mostrar a necessidade na Educação, a emoção do aprendizado, ampliar horizontes, insights (percepções), criar pessoas com um espírito voltado ao todo, procurar superar o conceito

da disciplina, permitir a intersecção do conhecimento de várias disciplinas, desenvolver a percepção da valorização do Ser na sociedade, com mentalidade de preservação ambiental, criando indivíduos com conhecimentos, com pensamentos abertos para diálogos, melhorando também a participação nas empresas e no viver a sociedade em conjunto.

DESENVOLVIMENTO

Transdisciplinaridade de forma holística

A teoria da complexidade e transdisciplinaridade surge, em decorrência da decadência do conhecimento e o desenvolvimento de uma sociedade, que com o avanço da globalidade, com a fragmentação do conhecimento, ou seja, por partes, metodologia criada pelo filósofo iluminista René Descartes na acessão do Iluminismo, ficou conhecida como a metodologia Cartesiana, que realmente trouxe avanço, mas sabemos que a cada tempo, temos mudanças de mentalidade, pois fica perceptível resultados do que se aplica, o que os autores trazem nos seus artigos, sobre a metodologia cartesiana, que os indivíduos tornam seus saberes em conceitos cientificistas e mecanicistas e a ciência como sendo absolutista. Segue Pintura - 1 Imagem de René Descartes, filósofo e matemático francês.

Pintura-1 Imagem René Descartes



Fonte: conhecimentocientifico

A ideia de transdisciplinaridade surgiu para superar o conceito de disciplina, que configura-se pela departamentalização do saber em diversas matérias. Ou seja, considera que as práticas educativas foram centradas num paradigma em que cada disciplina é abordada de modo fragmentado e isolada das demais. Isto resultaria também na fragmentação das mentalidades, das consci-

ências e das posturas que perdem assim a compreensão do ser, da vida, da cultura, em suas relações e inter-relações. (MENEZES, 2001)

A Transdisciplinaridade de forma holística, a qual trata o conhecimento das disciplinas de forma integradas, comunicando-se entre elas, com uma visão, não somente específica em um assunto, mas com a procura do conhecimento das especificações por sua totalidade integrada a outras áreas. A contextualização sobre a Transdisciplinaridade pela qual (MEDEIROS, 2018), define como:

A transdisciplinaridade não significa apenas que as disciplinas colaboram entre si, mas significa também que existe um pensamento organizador que ultrapassa as próprias disciplinas. Para haver essa dita transdisciplinaridade, é preciso haver um pensamento organizador, chamado pensamento complexo. O verdadeiro problema não é fazer uma adição de conhecimento, é organizar todo o conhecimento. (MEDEIROS, 2018, p1).

Na Transdisciplinaridade existe comunicação entre cada disciplina, a qual valoriza o conhecimento na sua integridade, valoriza o conjunto de todas as matérias, gerando conhecimento em sua totalidade, ou seja holística. Cada matéria escolar ou mesmo procedimentos do uso de material de montagem, todos são integrados e se ajustam para melhor funcionar uma com a outra, e cada vez mais, as pessoas vão ter que saber de tudo um pouco.

A insegurança dessa dúvida é a nossa força motriz, que deve ser acompanhada da prática do reaprender, com vistas a superar o mito do Bom Professor, indivíduo capaz de satisfazer apenas a estrutura burocrática da Escola, deixando de lado o aprendizado dos alunos. Entretanto, a proposta, em muitos momentos, torna-se difícil de ser aplicada, pois a maioria das Escolas estão pautadas ainda, no paradigma do positivismo, que define o bem e o mal, o certo ou errado, não admitindo nuance. (FIALHO, 2007, p 3).

A pesquisa pelos seus artigos traz uma visão ampla sobre a técnica do conhecimento Transdisciplinar, tornando-o com o aprendizado não pelo método repetitivo, não exigindo que o discente tenha capacitação de acúmulo de informação ou memorização, ao qual os seus conhecimentos são selecionados, tornando o conhecimento como parte de um todo, oferecendo ao discente a racionalização do pensamento e do questionamento.

É de todo esse contexto que emerge a proposta Transdisciplinar em educação. Na busca por um mundo melhor, onde as pessoas, aprendendo na interação e não na fragmentação, possam ser mais íntegras e coerentes internamente, possam valorizar e respeitar o meio ambiente, nossa Terra, nossa casa, e que possam saber conviver com seus semelhantes, construindo de uma forma mais humana uma nova sociedade. (NASCIMENTO, 2011).

AS MUDANÇAS DAS ESCOLAS COM A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E AS METODOLOGIAS DAS ESCOLAS DA ANTIGA GRÉCIA

A Revolução Industrial foi a transição de novos processos, e também formas de trabalhos que necessitavam de trabalhadores que tivessem capacitações para exercerem as devidas atividades que exigiam conhecimentos. Então as escolas se transformaram em formadores de profissionais para atividades que necessitavam as indústrias, para poder atender estas necessidades as escolas também, tiveram que mudar sua metodologia de ensino e seus currículos escolares também, subtraindo matérias de estudos fundamentais, como filosofia, ciência, religião, educação moral e cívica. Substituindo por matérias especializadas a ensinar técnicas de conhecimento profissionalizante, para atender a demanda de mãos de obras específicas, exigidas pelas indústrias e quanto mais especializado o profissional poderá almejar melhores salários.

Com o rompimento da ciência com a religião e o empobrecimento da filosofia como disciplina escolar, autores descrevem, que a sociedade e seu comportamento atual

com resultado de mudança na moral e até o conhecimento teve mudanças, pois a Ciência se torna absoluta, como era a integração, antes do século XVIII, conforme (TINAUT,2020).

A figura resgata com interligação de três conceitos, que conectados se interliga com a moral e o conhecimento, resultado que se está na atualidade distante pelo cientificismo. A representação triangular representa o resgate de conceitos:

Figura 1- Uma mensagem para você



Fonte: (TINAUT, 2020)

Quando a Grécia criou sua primeira escola. O filósofo grego Platão criou uma espécie de escola onde se estudavam disciplinas como filosofia e matemática por meio de questionamentos. O protótipo escolar ficava nos jardins de Academos. Em Atenas tinham filósofos que se dedicavam a ensinar, os filósofos dominavam várias áreas de conhecimentos, matemática, biologia, astronomia, filosofia a metodologia de educar era pelo conhecimento múltiplo.

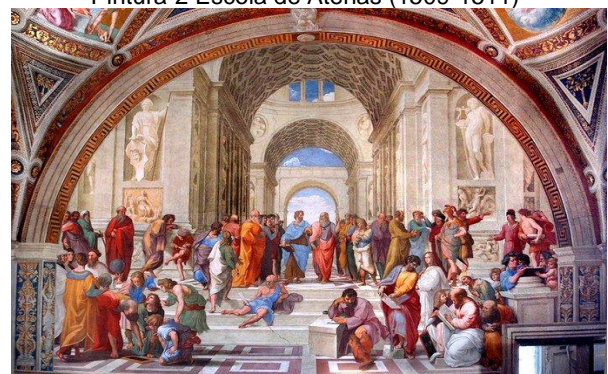
Na época áurea de Atenas, por exemplo, o ensino era obrigatório para os rapazes futuros cidadãos. Os meninos começavam aprendendo boas maneiras com os pedagogos (professores escolhidos pelo pai) e depois a ler, escrever, contar e cantar acompanhados da lira além de praticar esportes. Dos 14 aos 18 anos, sua educação baseava-se principalmente nos exercícios físicos, já que dos 18 aos vinte anos os jovens deviam prestar um tipo de serviço militar. O principal objetivo educacional ateniense era formar cidadãos capazes de defender a cidade e/ou cuidar dos assuntos públicos. Preparava também os indivíduos para participar de competições atléticas e musicais e para falar em público expondo ideias com clareza. No tempo da democracia ateniense, não eram só

os aristocratas que tinham acesso à educação, bem como ao usufruto da cultura (teatro, artes, música, espetáculos, festas e cultos públicos, debates acalorados) e do poder político, pois os homens do povo, cidadãos mais pobres e sem "berço de ouro", que viviam de seu trabalho, também adquiriram o direito a tudo isso. (FUNARI. p.35)

O sistema metodológico era denominado de Paidéia. Os filósofos que foram pilares fundamentais desta metodologia e comportamento deste ensino foram Sócrates, Platão, Isócrates e Aristóteles. De acordo BASILE (2018, p. 6), "[...] PAIDÉIA (em grego antigo: παιδεία) é a denominação do sistema de educação e formação Ética da Grécia Antiga, tinha o objetivo de formar indivíduos capazes de liderar e de ser liderados".

Em 387 a. C., Platão fundou sua escola filosófica, a Academia, cujo objetivo principal era realizar investigações científicas e filosóficas. O filósofo tornou-se então o primeiro dirigente de uma instituição permanente de pesquisas desse tipo. Pouco mais de meio século após a fundação da escola platônica, foi a vez de um ex-aluno da Academia, Aristóteles, abrir a sua própria instituição de ensino. Em 335 a. C. foi inaugurado o Liceu, um centro de estudos lógicos, físicos, metafísicos, políticos etc. A partir deste breve texto sobre a Paidéia grega, é possível notar que tal formação busca a completude, a excelência, o alcance máximo das potencialidades do homem grego. Tratava-se de um tipo de educação, literalmente, "de corpo e alma". (CRUZ, 2007)

Pintura-2 Escola de Atenas (1509-1511)



Fonte: (MARCELLO, 2022, p.6)

Nesta obra Rafael Sanzio, em uma das pinturas mais famosas, o renascentista “Raffaello” (1483-1520), pintura encomendada pelo Vaticano, representa a Escola de Atenas fundada por Sócrates, reunindo filósofos Pré Socráticos, mas destacando Platão, a filosofia abstrata e teórica e Aristóteles, filosofia natural e abstrata.

TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO SUA DICOTOMIA COM A EDUCAÇÃO FRAGMENTADA DO CONHECIMENTO

O que autores trazem sobre a questão da fragmentação do conhecimento e a transdisciplinaridade na Educação. O que realmente aconteceu? O conhecimento nunca é definitivo, mas produto da humanidade e sempre está ligado às circunstâncias históricas que são dinâmicas como são os indivíduos que os vivenciam e os projetam. (IBIÚNA, 2004).

O manifesto da transdisciplinaridade, ao estabelecer uma profunda crítica ao processo de fragmentação do conhecimento, sugere abordagens alicerçadas na compreensão das múltiplas dimensões da realidade. Assim, ao projetar uma nova concepção do mundo e da vida, a transdisciplinaridade procura transgredir as falsas dualidades entre “sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, matéria/consciência, natureza/divino, simplicidade/complexidade, reducionismo/holismo, diversidade/unidade”, com o reconhecimento da existência de complexas pluralidades no mundo da vida. (SILVA, 2006, p.1).

No contraponto existe a questão dos docentes, terem que se reestruturar com a nova realidade, mudança de como agir nas salas de aulas, com metodologias novas de ensino e a integração dos docentes no qual com capacitações novas, ter que compartilhar em uma mesma sala de aula com outro docente de outra especialização, são barreiras sensíveis que se criam e ainda internamente existe o ego:

Na prática educativa, os professores desconsideram o princípio holográfico e o princípio da transdisciplinaridade, separando a parte do todo, dando um tratamento mecânico

ao conhecimento. Os professores dedicam-se a explicações exaustivas em definições, conceitos, fórmulas, e fazem uso da linguagem voltada para a racionalidade tecnocientífica. (SANTOS, 2008, p. 7).

HOLÍSTICA

A visão holística, ela é o complemento da transdisciplinaridade, ela integra um olhar ao qual o individuo ele faz parte daquele sistema, com uma visão ampla, ou seja, na sua totalidade, sendo mais humanista, não apenas uma peça de uma sociedade, o sistema, um conjunto, ao qual traz valores ambientais, principalmente na educação ambiental de preservação do meio ambiente, uma nova apreciação de padrão, organização entre as relações das partes homem e o meio ambiente que vive:

Uma visão a respeito de determinado ser ou fenômeno determina nossa reação perante ele. Se for a nossa visão de mundo e de ser humano que está sendo causadora de destruição no planeta do qual dependemos, não seria a maneira de pensar e sentir o mundo que precisamos transformar para termos uma outra relação com o meio ambiente? Não estaria então nossa dimensão psicológica intrinsecamente envolvida no processo de destruição ou cuidado com a natureza? (BÔLLA, 2012, p. 7)

VISÃO HOLÍSTICA PARA EFEITOS PEDAGÓGICOS

O caminho pedagógico da visão holística, na sua totalidade o total é tudo, com valor ao caráter a vivência social, a história de forma real, com uma redefinição das teorias filosóficas de valores da natureza. Constituir a existência de uma idéia de rede entre as disciplinas, de se comunicarem entre elas, coloca o sujeito na prática pedagógica nos eixos de se interagir também; desta forma, o conjunto da materialidade começa a ser desmontado pelo valor do ser, pois todos estão em ciclos pedagógicos de forma a contribuir com o aprendizado, não só para os discentes, mas os docentes também que começam a aprender a interligar-se com seus pares com os conhecimentos que têm. Braun (2005, p. 30-31) enfatiza que “[...] transformar

a atual visão do Mundo requer uma preparação psicológica baseada em valores éticos fortes e uma vontade profunda de realmente mudar [...]”.

EDUCAÇÃO

A partir do começo do século XX, com as indústrias necessitando de mão de obras e as mulheres fazendo parte da demanda da mão de obra de trabalho, a escola tornou-se a expansão do segundo lar das crianças, ao qual com este tempo de convívio com a família transferiu para as Escolas, e os docentes também a responsabilidade da moralidade familiar, o que resulta-se em uma educação formativa de caráter moral, com ordens ao qual os discentes começam a ter a escola não mais o local de despertar o conhecimento, mas também de diretrizes de uma moralidade comum, gabaritada também. Portanto é neste momento cria-se a oportunidade de dar diretrizes a formação do caráter dos alunos de acordo o estímulo daquele docente, conforme a razão dele, criando não mais a discussão pluralista e sim formação de um tipo de razão, e dependendo a escola, formatava conforme seu conceito.

Há que se construir e permitir emergir uma temporalidade educativa, onde o âmbito da ação privilegiada contagie a cultura escolar pelo cotidiano. E a escola seja o espaço da vivência temporal não totalitária, em que alunos, servidoras do ensino e toda a comunidade estabeleçam no debate, com vozes diferenciadas e plurais, uma pedagogização do discurso que permita a todos dizer sua palavra no projeto em processo. Há que se superar a fragmentação do tempo e a produtividade, para compreender a indissolubilidade desta dimensão emancipatória para o ser humano. Há que se impor uma derrota às grades curriculares, principalmente quando estas migram de necessárias diretrizes gerais para compor parâmetros generalistas e etnocêntricos como estes que nos deram, que vêm de fora e por cima – não servem à educação e à democracia. (PASSOS, 2.000, p.12).

A EDUCAÇÃO E AS NECESSIDADE DE UMA NOVA VISÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A transdisciplinaridade na educação, é uma visão do todo com todos, docentes e discentes. Partindo deste princípio, nas Escolas elas com equipes de mutua ajuda dos discentes, muitas vezes, alguém sabe uma solução melhor ou resposta para tal pesquisas que compartilhará com seu amigo, ao qual conseguem todos realizar como maior facilidade, desta forma a Transdisciplinaridade de forma holística, cria o pensa no todo, discentes como indivíduos com visão com maior socialização, não existe divisões, mas sim um conjunto harmônico de sucesso e ganho para todos.

É de todo esse contexto que emerge a proposta Transdisciplinar em educação. Na busca por um mundo melhor, onde as pessoas, aprendendo na interação e não na fragmentação, possam ser mais íntegras e coerentes internamente, possam valorizar e respeitar o meio ambiente, nossa Terra, nossa casa, e que possam saber conviver com seus semelhantes, construindo de uma forma mais humana uma nova sociedade. (NASCIMENTO, .2018)

Figura - 2 Transdisciplinaridade



Fonte: Meio Ambiente Técnico (março 23, 2012)

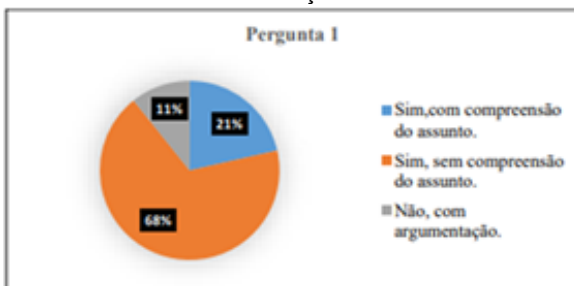
PROBLEMAS DA INSERÇÃO DA TRANSDISCIPLINARIDADE COM INTEGRAÇÃO DA DOCÊNCIA

Nos artigos pesquisados, apontou-se outra problemática, é a vontade da integração dentro da docência, de aplicar esta nova metodologia, ao qual terá que rever muitos conceitos, e a forma de como tratar a matéria que será apresentada aos discentes. E também convívio dos docentes, coordenadores e os discentes, para colocar em prática o conceito da Transdisciplinaridade com forma Holística, ao

qual deverá ter uma reforma e reestruturação no comportamento de como exercer não só as atividades das matérias dadas, fica claro independente do grau de escolaridade, e tipo de escola.

É visto que os indivíduos pesquisados estão inseridos em um quadro preocupante, pois segundo Pires (1998) a reformulação dos currículos é vital para que as disciplinas se comuniquem de fato, proporcionando aplicabilidade dos conhecimentos em um contexto para que os conhecimentos não consolidem barreiras entre eles. Constatase que grande parte da demanda dos profissionais atuantes não tem compreensão sobre o cenário que atuam. Por mais que a maioria afirme sobre há necessidade de uma reformulação dos currículos, esta ação se torna inviável quando o corpo docente não apresenta conhecimento crítico para propor uma intervenção em uma instituição. (Pires, 1988, p7)

Gráfico 1: Reformulação dos currículos



Fonte: Pires (1998, p 7)

SOCIEDADE

A transdisciplinaridade conforme artigos e autores mencionam, sendo que sua natureza está principalmente no indivíduo, pela qual forma uma sociedade, no livro que tem o título *O Manifesto da Transdisciplinaridade* (Nicolescu, 1999), diz: [...] “o indivíduo consumidor, esboçado pela sociedade liberal, não é o equivalente a uma pessoa, ente maior que deveria estar no centro de qualquer sociedade dita civilizada [...]” de acordo o autor desse importante manifesto procura reiterar conforme Carlos Alberto Pereira SILVA contextualiza sobre a frase:

O autor desse importante manifesto procura reiterar a ideia de que a evolução individual e a evolução social são condicionadas

mutuamente, pois o ser humano alimenta o ser da humanidade e o ser da humanidade alimenta o ser do homem. Assim sendo, “uma evolução social é impensável sem a evolução individual”. Ultrapassando a compreensão proposta pela razão cartesiana, assentada numa objetividade nacionalizadora, a perspectiva transdisciplinar propõe ainda um diálogo enriquecedor entre ciência e imaginário visto que “o real é uma dobra do imaginário e o imaginário é uma dobra do real” (SILVA, 2007, p. 2).

PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS PARA A APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os procedimentos e critérios para apresentação de análises de dados usados, foram feitos por consultas de plataformas acadêmicas da Internet, pesquisas de artigos, livros, jornais, objetivos de estudo foram por procedimentos bibliográfico, de forma descritiva, exploratória, qualitativa e documental, método hipotético dedutivo, seleção de imagens e qualificando com suporte ao tema deste trabalho, finalidade básica estratégica

RESULTADOS

A motivação é ter uma sociedade em que todos possam entender aquilo que estão exercendo ou fazendo, e o motivo pelo qual faz, não simplesmente ser uma peça ou engrenagem, e sim um elemento que faz parte de um sistema, que ao qual ele tem sua importância e valor como Ser, é neste contexto, entregar a outra geração valores éticos, morais e de preservação na totalidade que vive, tanto no meio ambiente, na vida em sociedade e se preservando e dando qualidade sendo colaborador ou empregador. As pessoas devem procurar ter a visão de forma ampla, com uma vida em conjunto na sua totalidade, e não como um foco somente, como Diógenes o filósofo parafraseou, “a virtude como uma lanterna acessa durante o dia não ilumina nada”. Diógenes de Sínope (413 - 323 a.C.) .

A imagem abaixo (Figura-3) uma sociedade em que a visão holística é um todo, onde todos cuidam e se cuidam protegendo o bem maior nosso planeta e no

conjunto de uma humanidade sem necessidade de classificação.

Figura- 3 transdisciplinaridade



Fonte:

http://www.cpers15nucleo.com.br/imagens/artigos/discriminacao_racial.jpg

CONCLUSÃO

Portanto, a Transdisciplinaridade de forma Holística é acrescentar os elementos que já existiam na Educação para o desenvolvimento na sua totalidade do conhecimento, e mudar o pensamento de formação acadêmica de discentes com pensamentos mecanicistas e cientificismo para uma visão total do conhecimento, trazer a vontade de aprender e despertar da busca do Ser colaborativo. Portanto, o mesmo terá seu direito de estender sua carreira profissional que melhor tiver aptidão, mas não deixará de ter o conhecimento de outras matérias disciplinares. Na contextualização do trabalho é também claro que romper os paradigmas, criados há anos do conceito de como ensinar, indentificou-se nas pesquisas que nesta metodologia existem barreiras dos próprios docentes como as grades curriculares já propostas em escolas pragmáticas com o ensino cartesiano, pois é uma ruptura do que vem há décadas sendo aplicado como o absoluto. A mudança de uma mentalidade social é perceptível que tem sempre seus contra pontos, imagina que 300 anos ou menos atrás aceitávamos que a Terra era o centro do universo, monstros marinhos, então é sábio ter em mente que a perfeição sempre será uma busca incessante, mas é para aqueles que desejam uma sociedade melhor, justa e atingindo uma perfeição.

REFERÊNCIAS

BASILE, Maria Tereza Gomes., **Educação na Grécia Antiga**. 2018, p6. Disponível em: [https://www.aulasparticularesbasile.com.br/post/educacao-na-grecia-antiga#:~:text=paid%c3%89ia%20\(em%20gr ego,medida.%20o%20individualismo,_Acesso em 19 de ago. de 2022.](https://www.aulasparticularesbasile.com.br/post/educacao-na-grecia-antiga#:~:text=paid%c3%89ia%20(em%20gr ego,medida.%20o%20individualismo,_Acesso em 19 de ago. de 2022.)

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz.2012. **Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da ecovila terra una, liberdade-M. G**, página 7. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/520/1/Kelly%20Daiane%20Savariz%20B%c3%b4lla.pdf>. Acesso em 16 de ago. 2022.

BRAUN, Ricardo. Novos paradigmas ambientais: **Desenvolvimento ao ponto sustentável**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.182p

CONHECIMENTO. Científico.2019. **Emily Viana**. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/rene-descartes/>. Acesso: em 15 de agosto de 2022.

CRUZ, Mariana. (2007). **A educação na Grécia Antiga, Educação Pública**, desde 2001 a serviço da Educação. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/7/36/a-educaccedilatildeo-na-greacutecia-antiga>. Acesso em: 18 de ago. de 2022

FIALHO, Edson Soares.(2007).O meio ambiente: **O discurso geográfico rumo à transdisciplinaridade**, revista ponto de vista - Vol.4 pagina 3, Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/21171/1/artigo.pdf>. Acesso em 16 de ago. de 2022.

FUNARI, Pedro Paulo A. (2001, p.35). Repensando a História, **Grécia e Roma**. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsoure>. Acesso em 26 de abr. 2023

IBIÚNA, Gustavo Korte. (2004). **Metodologia e Transdisciplinaridade**. Disponível no 15º parágrafo. Disponível em: <https://psicod.org/complexidade-e-transdisciplinaridade-em-educaco-cinco-> <http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

princípio.html?page=4. Acesso em 16 de ago. 2022.

MEDEIROS, Alexsandro M. (2018, p1). **Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade, Saber Política** p. 1. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em 16 de ago. 2022.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete transdisciplinaridade. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/transdisciplinaridade/>. Acesso em 26 abr. 2023.

NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. (2011, p. 1). **Transdisciplinaridade na Escola**. Revista online de iniciativa do Portal do Professor, do MEC: o que é e como aplicar na educação. Disponível em: <https://transdisciplinaridade.wordpress.com/2011/03/18/o-que-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em 16 de ago. 2022.

NASCIMENTO. Patrícia Limaverde. (18/03/2011). Revista Online de iniciativa do Portal do Professor, do Mec. **O que é Transdisciplinaridade? Porque? Para quê?** Disponível em: <https://transdisciplinaridade.wordpress.com/2011/03/18/o-que-e-transdisciplinaridade/>. Acesso em 18 de ago. 2022

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

PASSOS, L. A. (2.000,p.12). Viagem nos tempos da escola – da escola seriada à escola de ciclos, Cuiabá, Instituto de Educação/UFMT, **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental**.

***Formação de professores Educação Ambiental.pdf**. Disponível em:https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/203992/mod_resource/content/1/Panorama%20de%20EA%20-%20Nan%C3%A1%20Medina.pdf. Aceso em 18 de ago. 2022.

PIRES, M.F. de C.(1998), p. 7, TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID2019_08102020072424.pdf (editorarealize.com.br)

SANTOS, Akito. (2008 p. 7). **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. Revista Brasileira de Educação [online]. 2008, v. 13, n. 37, pp. 76. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27503707>. Acesso em 16 de ago. 2022.

SILVA, Carlos Alberto Pereira - (2007). **O manifesto da transdisciplinaridade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, (32) abril de 2007. Resenha página 2. Disponível em. Acesso em <file:///C:/Users/jose/Downloads/3427-Texto%20do%20artigo-10815-1-10-20080414.pdf>: Acesso em 16 de ago. 2022.

SUPER interessante: Disponível:<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-escola/> na ciência e **pensamentos de comportamentos das ideias do ser**. Acesso em 26 de abr. 2023.

TINAUT, A. (2020,9 de outubro). Diversos, uma mensagem para você. Ensino sempre. Disponível em : <http://www.ensinandosempre.com.br/diversos-uma-mensagem-para-voce-7/> p1. Acesso em 16 de ago. 2022.



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 21 – Ano 11 – Nº 21 – 1º semestre/2023 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

8 – MEU PAI

Paulo Nussenzveig*

A maioria das pessoas que me conhecem sabe quem é meu pai. Muitos que não me conhecem, conhecem meu pai. O professor H. Moysés Nussenzveig é um dos mais reconhecidos cientistas do nosso País, com uma bela carreira, inicialmente como físico teórico e, nas últimas décadas, como pesquisador em ciências da vida. Ele nasceu em São Paulo, em 23 de agosto de 1932 (apesar de seus registros indicarem 16 de janeiro de 1933), como o terceiro filho de uma família de imigrantes poloneses. Meus avós chegaram ao Brasil em 1925, com um pequeno filho, meu tio Israel, fugindo da pobreza e do antissemitismo na Polônia. Se estabeleceram no Bom Retiro, onde meu pai cresceu frequentando o Jardim da Luz, local em que se dedicou à leitura de muitos livros.

Ouvi que o avô de um dos meus melhores amigos odiava meu pai: o pai dele o castigava a cada vez que trazia o boletim da escola, comparando com o do meu pai... Na juventude, tinha interesses múltiplos e chegou a contemplar uma carreira como diretor de cinema. Mas o gosto pela matemática e pelas ciências da natureza falou mais alto e, ao ganhar um concurso da Alliance Française, foi cursar o primeiro ano de matemática em Paris. Quando regressou, foi admitido na USP sem vestibular, para cursar física, onde se reencontrou com seu grande amigo, Ernst Hamburger.

Fez doutorado na USP, sob orientação do professor Guido Beck (vovô Beck, que acreditei ser meu avô de verdade durante boa parte da minha infância; meu avô paterno, Michel, faleceu quando meu pai

tinha apenas 18 anos). O saudoso professor J. J. Giambiaggi (“Bocha”) uma vez descreveu a excitação de Beck, ao relatar o novo estudante que recrutara: “Bocha, arranjei um escravo inteligente!” Sua tese de doutorado, sobre problemas de espalhamento e difração relevantes para o estudo do arco-íris, foi enviada por Beck ao nobelista Max Born. Ele a confiou ao seu assistente, Emil Wolf, que se encarregou da leitura no navio que o levou da Inglaterra aos Estados Unidos, onde assumiu uma posição na Universidade de Rochester, no estado de Nova York. Num jantar com Richard Feynman, na casa de Beck, foi instado a fazer nova “defesa” da tese. A “banca” o aprovou, novamente.

O arco-íris e a auréola foram grandes paixões da vida do meu pai, além da minha mãe, Micheline. Em 1963, já com uma filha pequena (Helena), por causa das dificuldades financeiras imensas para fazer ciência no Brasil, foram passar uma temporada nos EUA. O que deveria ser um estágio de um ano tornou-se uma diáspora de quase 13 anos. Inicialmente, foram para Nova York e, de lá, para Princeton, onde nasceu meu irmão, Roberto. Meu pai contava que o então diretor do Instituto de Estudos Avançados, J. Robert Oppenheimer, acreditou que o nome tinha sido homenagem a ele e presenteou meus pais com US\$ 200. Como a situação no Brasil se agravou após o golpe militar, a família se mudou para Rochester, onde meu pai foi muito bem acolhido por Emil Wolf e encontrou um ambiente muito especial, juntamente com

* Paulo Nussenzveig, professor do Instituto de Física da USP e pró-reitor de Pesquisa e Inovação da USP.

Leonard Mandel, Joe Eberly e outros. Foi lá que nasci e onde moramos até 1975, quando a abertura política no Brasil permitiu um retorno para a USP.

Minha mãe sempre sonhou em voltar para o Rio de Janeiro, onde moravam seus pais, seu irmão e vários amigos. Após quatro sofridos anos como diretor do Instituto de Física da USP, meu pai se tornou professor na PUC-RJ. Ainda não seria sua última instituição de afiliação. A situação econômica forçou uma mudança de vários docentes, muitos dos quais foram imediatamente e sabiamente absorvidos na UFRJ; outros, passaram por outras instituições, no percurso da PUC para a UFRJ. Seus trabalhos sobre difração e momento angular complexo o levaram a formular teorias bastante completas para os fenômenos do arco-íris e da auréola. No início dos anos 2000, usou seu ferramental para investigar a chamada absorção anômala nas nuvens: boa parte da radiação absorvida corresponde à luz que tunela para dentro das gotículas de água. O efeito é relevante para a compreensão do efeito estufa e sua influência no clima da Terra.

Progressivamente, se interessou sobre as possibilidades de usar luz para aprisionar esferas transparentes, que levou ao desenvolvimento de pinças óticas por um cientista a quem muito admirava, Art Ashkin (Nobel de Física aos 96 anos, num reconhecimento tardio e extremamente merecido). Já septuagenário e compulsoriamente aposentado da UFRJ, onde se tornou Professor Emérito, meu pai iniciou uma nova carreira, como pesquisador em ciências da vida. Fomentou a criação de um laboratório de pinças óticas na UFRJ, que coordenou (embora ele mesmo não fosse exatamente um pesquisador experimental...). Nunca cessava de me admirar o vasto conhecimento que adquiriu nesse novo campo de pesquisa. Até 2020, estava inteiramente atualizado nos mais recentes desenvolvimentos apresentados na literatura. Estudou a origem da vida e escreveu um livro para o público geral, publicado em 2019.

Além dos resultados científicos obtidos ao longo da carreira, que o tornaram mundialmente reconhecido, meu pai sempre teve paixão pelo ofício de professor. Sempre produziu cuidadosas notas de aula, muitas das quais tornaram-se livros. No Brasil, ele é muito conhecido pela coleção *Curso de Física*

Básica. Em anos recentes, sempre que apresentava seminários e colóquios, formavam-se longas filas de estudantes pedindo autógrafos nos livros. Esse sempre foi o reconhecimento que ele mais apreciou: adorava conversar com jovens, buscando despertar a curiosidade em desvendar os mistérios do Universo. Ele criou e coordenou, por vários anos, a COPEA, inspirada no modelo do Collège de France, em que organizou vários memoráveis ciclos anuais de palestras abertas ao público geral. Novamente, alguns ciclos deram origem a livros. Seu engajamento na importância de melhorar a educação no nosso país o levou a juntar e liderar um grupo de cientistas notáveis para criar kits de experimentos a serem realizados por alunos da educação básica. O projeto Aventuras na Ciência levou à produção de kits em várias áreas, que precisam ser retomados e amplamente distribuídos. Por onde passava, sempre se identificava como “Professor Moysés”.

É evidente que ele influenciou minhas escolhas profissionais, pelo exemplo que sempre vi em casa. Relutei em estudar física, relutei mais ainda em ceder à paixão pela ótica quântica, a área de atuação dele! Ele jamais interferiu. Pelo contrário, sempre quis que eu buscasse meus próprios caminhos e que minhas conquistas fossem fruto dos meus esforços. Mas sei que sempre acompanhou com interesse, sofreu quando sofri, vibrou quando vibrei, se empolgou quando me empolguei. O exemplo dele, de sempre se guiar pela curiosidade, pela apreciação estética do valor da criatividade na investigação da natureza, me inspira profundamente. Ao mesmo tempo, o rigor na derivação dos resultados, na comunicação adequada daquilo que se obtém, sem exagerar, mas, ao mesmo tempo, sem minimizar sua importância sempre foram admiráveis.

Sua honestidade, integridade, a espinha dorsal de não se curvar diante de argumentos de autoridade ou de governantes autoritários representam um “sarrafo” elevado pelo qual meço a minha atuação. Embora sempre tenha mantido o foco nas suas atividades de pesquisa, nunca se furtou ao duro trabalho de defender a ciência dos frequentes ataques de governantes incautos, ou à tarefa de estruturar nossa comunidade em moldes próximos aos dos melhores centros mundiais. Participou de importantes

comissões de planejamento das instituições científicas do País, como a comissão ABC-SBPC-Seplan, estruturando o PADCT. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Física e se candidatou à presidência da SBPC, mas nunca desejou ou gostou de assumir cargos administrativos. Em dezembro de 2021, quando o professor Carlotti me convidou para ser pró-reitor de Pesquisa, senti muita falta de poder discutir com ele antes de tomar a decisão. Precisei consultar outras pessoas e ponderar sozinho, em conversa imaginária com ele, em que eu mesmo assumi os dois lados da conversa. Quando consegui contar para ele que tinha sido convidado e aceitei, ele não estava “de muito papo”. Apenas me perguntou: “o que faz um pró-reitor de Pesquisa?”. Expliquei, e ele ficou em silêncio. Cutuquei: “você tem algum conselho para me dar?”. Respondeu apenas: “não aceite cargo nenhum!”. No dia seguinte, perguntei se lembrava da conversa, e ele disse que sim. Perguntei se lembrava do conselho que me dera. Respondeu prontamente: “não aceite cargo nenhum!”. Eu sabia que ele diria isso, assim como sabia que ele jamais fugiu de desafios na vida, sempre atuou onde achou que seria mais útil.

Apesar da vida muito centrada no trabalho, na carreira, na vocação e missão como cientista, sempre teve adoração pela minha mãe e, nos últimos anos, era obcecado em cuidar bem dela. Era muito jeitoso com crianças e adorava contar histórias. Meus filhos sempre foram muito próximos, afetivamente, dos avós. Aproveitaram muito a contação de histórias e desenvolveram gosto pela leitura, seguindo várias dicas do avô. Eles sempre admiraram a cultura literária e estabeleceram cumplicidade na apreciação de bons filmes. Descobriram Chaplin, Buster Keaton e outras preciosidades com o avô. A relação com a minha esposa, Monique, foi de cumplicidade crescente nos últimos anos. Do gosto compartilhado pela literatura policial, passou à confiança nela para assar um majestoso pernil para o Natal (sim, em casa judaica, comeu-se porco para a celebração pagã, com as costumeiras trocas de presentes). Nos últimos anos, aceitou que ela ajudasse a colocar em ordem suas pendências com a Receita Federal.

Não tenho dúvida que a pandemia teve efeito devastador nele, embora nem ele, nem

minha mãe tenham contraído covid. Mas o primeiro semestre de 2020, em que ficou confinado e distante de todos, mexeu muito com ele. Em junho, teve um bloqueio renal e precisou ser operado, seguindo uma semana de antibiótico para controlar a sepsis. Mandeí o isolamento às favas nesse momento e dirigi para o Rio para ficar com meus pais. Daí em diante, declinou muito rapidamente. Por motivo nunca esclarecido, foi reduzindo a alimentação até quase parar de comer. Emagreceu mais de quinze quilos. Foram feitos exames e nada foi constatado. Passei a dirigir para o Rio todo mês e passar ao menos uma semana com meus pais. Entre novembro de 2020 e abril de 2021, foi hospitalizado em todos os meses. Foi extremamente sofrido acompanhar o declínio acentuado dele e ver sua qualidade de vida ficar muito ruim. Aquela pessoa completamente independente e resoluta tornou-se totalmente dependente. Nesse ano de 2022, continuei indo ao Rio todos os meses, mas foram poucos os momentos em que conseguimos interagir mais e, em nenhum deles, foi possível realmente conversar com ele. No aniversário de 90 anos, amigos físicos gravaram breves mensagens de vídeo e o Diney inseriu legendas. Foi muito especial vê-lo se emocionar com as homenagens e rir com as várias histórias que contaram. Aquele riso alegre me levou às lágrimas.

Quero que ele descanse, que não tenha mais de carregar o fardo dessa existência tão dura. Como permaneceu lúcido, tinha plena consciência das suas limitações. Cuidarei da minha mãe sempre, ele pode ficar tranquilo. Amo muito o meu pai e continuarei sempre conversando com ele, fazendo os dois lados da conversa. Mas nunca deixarei de sentir a sua falta.

Extraído do site:

https://jornal.usp.br/artigos/meu-pai/?fbclid=IwAR1xrKAepe_Y96SR6RIBN4nwGsaQzdxXPsmunXpbSIKd4F6gSp0ox81XQmg

Nota:

O professor Herch Moysés Nussenzveig faleceu em 05 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro – RJ.



9 – CANÇÃO DO TAMOIO (Natalícia)

Antônio Gonçalves Dias*



I

Não chores, meu filho;
 Não chores, que a vida
 É luta renhida:
 Viver é lutar.
 A vida é combate,
 Que os fracos abate,
 Que os fortes, os bravos
 Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
 O homem que é forte
 Não teme da morte;
 Só teme fugir;
 No arco que entesa
 Tem certa uma presa,
 Quer seja tapuia,
 Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
 Seus feitos inveja
 De o ver na peleja
 Garboso e feroz;
 E os tímidos velhos
 Nos graves conselhos,
 Curvadas as frentes,
 Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
 Se morre, descansa
 Dos seus na lembrança,
 Na voz do porvir.
 Não cures da vida!
 Sê bravo, sê forte!
 Não fujas da morte,
 Que a morte há de vir!

***Antônio Gonçalves Dias** – (Aldeias Altas, 10 de agosto 1823 – Guimarães, 3 de novembro de 1864). Poeta, representante ilustre do romantismo brasileiro, jornalista e advogado. Autor de peças de teatro, indianista, etnógrafo, seus poemas mais famosos são *Canção do Exílio* e o poema épico *I-Juca-Pirama*. Membro da Academia Brasileira de Letras. Colaborou com a *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859–1865).

V

E pois que és meu filho,
 Meus brios reveste;
 Tamoio nasceste,
 Valente serás.
 Sê duro guerreiro,
 Robusto, fragueiro,
 Brasão dos tamoios
 Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
 Retumbe aos ouvidos
 D'imigos transidos
 Por vil comoção;
 E tremam d'ouvi-lo
 Pior que o sibilo
 Das setas ligeiras,
 Pior que o trovão.

VII

E a mãe nessas tabas,
 Querendo calados
 Os filhos criados
 Na lei do terror;
 Teu nome lhes diga,
 Que a gente inimiga
 Talvez não escute
 Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
 Traindo teus passos,
 Te arroja nos laços
 Do inimigo falaz!
 Na última hora
 Teus feitos memora,
 Tranquilo nos gestos,
 Impávido, audaz.

IX

E cai como o tronco
 Do raio tocado,
 Partido, rojado
 Por larga extensão;
 Assim morre o forte!
 No passo da morte
 Triunfa, conquista
 Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
 Penetra na vida:
 Pesada ou querida,
 Viver é lutar.
 Se o duro combate
 Os fracos abate,
 Aos fortes, aos bravos,
 Só pode exaltar.

(Extraído do livro *Poesias completas de Gonçalves Dias*, Edições de Ouro, s/d. Também pode ser lido no site <https://www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias/textos-escolhidos>

Para saber a história dos índios Tamoios, consultem o link <https://www.rionoticias.com.br/os-indios-tamoios-conheca-a-sua-historia-e-costumes/>